Caroline Ribeiro Louro

O SIGNIFICADO DE VIVENCIAR A ARTE DO PALHAÇO DURANTE A GRADUAÇÃO PARA O PROFISSIONAL DE SAÚDE

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

São Paulo
2020

Caroline Ribeiro Louro

O SIGNIFICADO DE VIVENCIAR A ARTE DO PALHAÇO DURANTE A GRADUAÇÃO PARA O PROFISSIONAL DE SAÚDE

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane de Amorim Almeida

São Paulo

2020

Louro, Caroline Ribeiro
O significado de vivenciar a arte do palhaço durante a graduação para o profissional de saúde / Caroline Ribeiro Louro -- São Paulo, 2020.
x, 99 f, il.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein, Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein.

Título em inglês: *The meaning of experiencing the clown art for healthcare professionals during the undergraduate education.*

1. Jogos e Brinquedos. 2. Humanização da Assistência. 3. Pessoal de Saúde. 4. Terapia do Riso

Elaborada pelo Sistema Einstein Integrado de Bibliotecas

FACULDADE ISRAELITA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE ALBERT EINSTEIN

Coordenadora do curso de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Enfermagem: Profa. Dra. Andréa Gomes da C. Mohallem

Caroline Ribeiro Louro

O SIGNIFICADO DE VIVENCIAR A ARTE DO PALHAÇO DURANTE A GRADUAÇÃO PARA O PROFISSIONAL DE SAÚDE

Presidente da banca: Profa Dra Fabiane de Amorim Almeida

BANCA EXAMINADORA

Membros titulares:
Profa Dra Mariana Lucas da Rocha Cunha
Prof Dr. Mauro Fantini Nogueira Martins

Membros suplentes:
Profa Dra Circea Amalia Ribeiro
Profa Dra Monica Martins Trovo de Araújo

Data de aprovação: 28/08/2020.

Dedicatória

A Deus, que conduziu meus caminhos até aqui, permitindo, através desta pesquisa, a expressão da energia divina que habita em mim.

À minha família, principalmente aos meus pais e ao meu irmão, que embarcam nas minhas loucuras e sempre acreditam na minha capacidade, me incentivando, principalmente nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos, que escutaram com paciência meus desabafos e sentimentos de alegria, desespero, entusiasmo e ansiedade.

Aos participantes deste estudo e à família “Narizes de Plantão”, que espalham os conceitos da arte do palhaço de forma singular e genuína, conectando pessoas e principalmente corações. “Vamos dominar o Planeta”.

A todos que cruzaram meu caminho durante esta jornada, contribuindo com palavras de conforto, ajuda técnica e conversas que abriram minha visão, possibilitando aprendizado e crescimento para o meu Ser.

Agradecimentos

À Profa. Dra. Fabiane de A. Amorim, por sua paciência, orientação, ensinamentos e contribuições nesta caminhada.

Ao Prof. Dr. Mauro Fantini, por compartilhar ideias, dividir angústias e principalmente por dar à luz ao “Narizes de Plantão”, modificando olhares, trazendo humor, leveza e plantando sementes nos corações dos alunos, que continuam florescendo e transformando vidas.

Às professoras e convidadas, membros da banca de qualificação, as quais contribuíram na elaboração de cada parte deste estudo.

Aos colegas do curso de Mestrado Profissional em Enfermagem, que dividiram tanto, em especial à Cintia Arsani, que se tornou uma grande amiga e confidente.

Gratidão!

Epígrafe

“Um dia você vai ver que a felicidade sempre foi o processo, as descobertas, as lições, os lugares que você visitou e que passaram a viver em você. As pessoas que você conheceu e passaram a ser parte de você. Ser feliz é ser gentil consigo mesmo, é aceitar e respeitar quem você é. Um dia você vai entender que, a felicidade chega e permanece, quando você aprende a viver com você, com o seu passado, seu presente e sem medo do futuro. Um dia você vai entender que a felicidade depende apenas do amor. O amor que você decide se dar, o amor que você decide aceitar e o amor que você decide compartilhar.”

(Wandy Luz)

Sumário

Dedicatória v
Agradecimentos vi
Epígrafe vii
Resumo ix
1 INTRODUÇÃO 1
1.1Objetivos 3
2 REVISÃO TEÓRICA 4
3 REFERENCIAL TEÓRICO 14
4 MÉTODOS 16
4.1 Delineando o estudo 16
4.2 Apresentando o cenário do estudo 16
4.3 Conhecendo os participantes do estudo 18
4.4 Compreendendo o procedimento e instrumento de coleta de dados 19
4.5 Atendendo aos princípios éticos 20
4.6 Apresentando o referencial metodológico e a análise dos dados 20
5 RESULTADOS 23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 74
7 ANEXOS 76
8 REFERÊNCIAS 80
Abstract
Apêndice

Resumo

Introdução: Os profissionais da área da saúde estão em constante contato com pessoas e a maneira como se relacionam com elas delineia-se a partir da sua formação acadêmica. Um ensino embasado nos princípios da humanização e na empatia pode influenciar significativamente nos relacionamentos interpessoais construídos pelo graduando no futuro. Para algumas universidades, o uso da linguagem do palhaço é uma forma de proporcionar ao estudante da área da saúde o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, muitas vezes subestimadas no ensino tradicional de saúde. **Objetivos:** Compreender o significado da vivência dos profissionais de saúde em participar de um projeto de extensão sobre a arte do palhaço durante o curso de graduação; Elaborar uma proposta de disciplina para cursos de graduação na área da saúde fundamentada nos referenciais teóricos sobre a arte do palhaço, a partir das vivências dos participantes desta pesquisa. **Métodos:** Estudo exploratório de natureza qualitativa, desenvolvido com 19 profissionais de saúde que participaram do projeto de extensão denominado “Narizes de Plantão”, durante a graduação em uma universidade privada do estado de São Paulo. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e analisados segundo a Análise Qualitativa do Conteúdo, utilizando-se o Interacionismo Simbólico como referencial teórico. **Resultados:** Do conteúdo expresso pelos profissionais de saúde, emergiram três categorias temáticas principais que evidenciaram o significado para suas vivências ao participar do projeto “Narizes de Plantão” durante a vida acadêmica, o impacto desta participação na sua trajetória profissional e a contribuição dessas vivências para sua vida pessoal. Os resultados apontam para o impacto positivo e duradouro da vivência do palhaço para além do período de formação acadêmica, sendo elaborada uma proposta de disciplina optativa sobre a contribuição da arte do palhaço a ser inserida nos cursos de ensino superior na área da saúde. **Conclusões:** A arte do palhaço mostrou-se uma poderosa ferramenta transformacional, autoterapêutica e educacional, durante e após o término da graduação, fornecendo subsídios para que profissionais de saúde desenvolvam habilidades socioemocionais, tornando-se mais empáticos e humanizados.

Descritores: Jogos e Brinquedos. Humanização da Assistência. Pessoal de Saúde. Terapia do Riso.

Disposição legal

Trabalho apresentado sob a forma de artigo científico com a obrigatoriedade de publicação em revista indexada e classificada pela CAPES no extrato mínimo B2 ou superior.

Sua disponibilidade integral em repositório institucional ocorrerá mediante publicação.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de relacionamentos interpessoais e da humanização está ganhando, cada vez mais, importância na área da educação voltada ao campo da saúde.(1)

A palavra humanização tem suas raízes no humanismo, que procura compreender o ser humano e criar caminhos para que uns compreendam os outros. É a escola filosófica que identifica o valor e o respeito do ser humano, considerando seus interesses, suas potencialidades, seus limites e sua natureza.(2)

Os profissionais da área da saúde estão em constante contato com pessoas e a maneira como se relacionam com elas delineia-se a partir da sua formação acadêmica. Um ensino embasado nos princípios da humanização e na empatia pode influenciar significativamente nos relacionamentos interpessoais construídos pelo graduando no futuro, como profissional.

Humanização pode ser definida como as ações que tornam os relacionamentos interpessoais mais humanos.(3) Desenvolver inteligência emocional, ser respeitoso, benevolente, acolhedor, assertivo, carinhoso, dedicado e empático são algumas características da humanização.(4)

Neste contexto, surge a figura do palhaço no cenário da saúde. O compromisso do palhaço tem a ver com a entrega às relações humanas, o mais sublime estado de vivência.(5) O palhaço não é um ator que interpreta um personagem, ele é o potencial mais acentuado do seu interior, do seu corpo e da sua alma.(6)

Meu primeiro contato com a arte do palhaço ocorreu durante o curso de graduação em enfermagem, quando duas colegas de turma comentaram sobre um projeto de extensão que abordava a presença do palhaço no hospital. O tema logo interessou-me e, sem maiores informações, me inscrevi no processo seletivo para entrar no projeto.

Na entrevista de seleção, realizada de maneira inusitada, perguntaram-me o que eu fazia de melhor e, espontaneamente, respondi estrogonofe. Em seguida perguntaram-me o motivo pelo qual meu estrogonofe era o melhor e esta abordagem inicial prosseguiu de modo muito diferente de uma entrevista tradicional.

Quando me deparei, já estava participando da primeira aula com mais algumas pessoas. As aulas foram acontecendo e o conceito prévio que eu tinha

de palhaço, vinculado à sua atuação no circo, foi gradativamente se desfazendo. Eu descobri que esse tipo de palhaço, que estava nascendo dentro de mim, era diferente. “A pesquisa do *clown* próprio de cada um é, primeiramente, a pesquisa de seu próprio ridículo”.[7]

Durante as aulas, entrávamos em contato com o que há de mais íntimo do nosso ser, o mais ridículo, espontâneo, criativo, despido das máscaras que usávamos no dia a dia. Éramos apenas nós mesmos.

Ao término do treinamento inicial, chegou o momento de colocar tudo em prática no hospital. Foi uma mistura de medo, ansiedade e liberdade. Uma sensação incrível e a certeza de que queria continuar estudando e praticando a arte do palhaço.

Após concluir a graduação, eu me inscrevi para outro processo seletivo, promovido por uma Organização Não Governamental (ONG) de “Palhaços hospitalares”. Fui aprovada e permaneci aproximadamente dois anos frequentando a organização. Concomitantemente, comecei a lecionar para auxiliares e técnicos de enfermagem e percebi que muito, do que eu havia aprendido sobre a arte do palhaço, eu utilizava em sala de aula.

Cinco anos se passaram desde que tive meu primeiro encontro com a arte do palhaço na graduação. Eu estava atuando no ensino e não mantinha mais contato com o universo do palhaço, até que surgiu a oportunidade de participar de uma oficina de reencontro com ex-alunos que participaram do projeto sobre o palhaço na graduação. Mais uma vez, todo o sentimento e a emoção vieram à tona.

Ao final do encontro, indo para casa, algumas inquietações borbulharam dentro de mim. Será que as outras pessoas que tiveram contato com a arte do palhaço na graduação, mesmo depois de anos, continuam usando o conteúdo aprendido nas aulas? Qual a influência destas vivências no tipo de profissional que se tornaram? Será que elas desenvolveram maior empatia, criatividade e outras habilidades emocionais? O contato com o conteúdo teórico e prático da arte do palhaço traz benefícios a longo prazo para os profissionais?

Muito se diz sobre os efeitos da presença do palhaço para adultos, crianças e acompanhantes de pessoas hospitalizadas; construção de vínculos;[8] diminuição da dor e ansiedade em pacientes pediátricos;[9] além da melhora no bem-estar, por meio de emoções positivas, em adultos e idosos.[10]

Estudo realizado em um Centro Universitário da cidade de São Paulo aponta a importância da vivência da arte do palhaço durante a formação acadêmica de graduandos da área da saúde, influenciando em suas atividades diárias e melhorando o relacionamento com familiares, amigos e pacientes.[11] Entretanto, trabalhos relacionados ao caráter educacional e aos benefícios, a longo prazo, para quem teve contato com esse conteúdo na graduação, ainda são escassos, tanto na literatura nacional, quanto na internacional. Até o momento desta pesquisa, foi encontrado apenas um trabalho[12] com tema similar a este, porém difere em alguns resultados.

Diante disso, este construto pretende investigar as repercussões desta experiência com a arte do palhaço, durante o curso de graduação, para os profissionais de saúde e sua contribuição no desenvolvimento de competências e habilidades socioemocionais essenciais ao seu desempenho na prática.

1.1 Objetivos

1. Compreender o significado da vivência dos profissionais de saúde em participar de um projeto de extensão sobre a arte do palhaço durante o curso de graduação.

2. Elaborar uma proposta de disciplina para cursos de graduação na área da saúde fundamentada nos referenciais teóricos sobre a arte do palhaço, a partir das vivências dos profissionais participantes desta pesquisa.

2 REVISÃO TEÓRICA

A arte do palhaço e sua influência no contexto da saúde: assistencial e educacional

Ciência e Arte no ensino em saúde

As palavras “arte” e “ciência” possuem várias definições. Ambos os conhecimentos estavam interligados até meados do século XVI, sendo que a maioria das ciências era arte.[13]

A segregação, em duas áreas totalmente divergentes, começou a ocorrer no Período Moderno. A ciência se firmava na lógica e na razão, buscando intervenção ativa e exata na natureza. Já, a arte, incorporava a subjetividade, a moralidade, as emoções e a beleza.[14]

O Iluminismo, a concepção científica de Descartes e Newton e a Revolução Industrial foram marcos significativos para a consolidação da divisão entre ciência e arte.[13] Ambas adquiriram métodos, narrativas, propósitos e sentidos totalmente diferentes, tornando-se quase impossível associá-las.[15]

No século XIX, as ciências se submeteram cada vez mais ao capitalismo. A composição disciplinar sofreu adequações para se adaptar à lógica da Revolução Industrial, configurando a educação como conhecemos até hoje, especificamente com a elaboração das universidades modernas. No século XX, esse pensamento fortaleceu-se com o incentivo dado à pesquisa científica.[16,17]

O avanço da tecnologia também foi grande destaque nos séculos XIX e XX. Na medicina, foram inventados novos instrumentos de diagnósticos, medicamentos e modernização das cirurgias. O foco passou a ser a doença e não mais a saúde.[13]

Apesar dos grandes avanços médicos, o conceito de ciência puramente racional, com um pensamento de mundo mecanicista, dualista, quantitativo, estruturado, onde tudo se explica pela razão, começou a ser questionado.[13,14]

Sigmund Freud foi um dos estudiosos que questionou a dualidade entre razão e emoção, corpo e mente.[18,19] Para ele, o corpo deveria ser percebido além do biológico, como algo mais complexo, possibilitando uma nova leitura para o funcionamento do corpo e da mente humana.[18]

Mesmo com os grandes esforços de estudiosos, na reconexão de corpo e mente, o que vemos hoje, no ensino das ciências médicas, é uma segregação que ainda remete aos modelos de Descartes e Newton, considerando o corpo humano como uma máquina e separando suas peças por especializações acadêmicas.[13]

O ato de cuidar vai além do tecnicismo e da segregação, envolvendo a preocupação com o indivíduo como atitude essencial na relação entre profissional de saúde e paciente. Se efetuar apenas uma atividade técnica, sem entregar-se de maneira sincera e leal, com mente, coração e espírito naquele ato, o profissional não estará realizando o cuidado, mas simplesmente um procedimento qualquer.[20]

Os sistemas de ensino precisam rever o modo como os saberes estão organizados. A educação precisa romper esse ensino fragmentado, a fim de expor as correlações entre os saberes, a maestria da vida e as dificuldades que hoje existem. A inteligência segmentada separa o que está conectado, faz com que as partes de um todo se isolem e torna unidimensional o que é multidimensional.[21]

As habilidades desenvolvidas por meio da arte podem ser utilizadas nos diversos campos do pensamento e do conhecimento humano.[22] A arte produz um movimento ininterrupto, que cria e transforma as realidades existentes. É um agregado de sensações e relações que permanecem vivas naqueles que as vivenciam.[23]

A ampliação da capacidade criativa, que produz novas percepções, afetos, intuição e habilidades, engrandece a discussão entre ciência e arte.[23] No século XXI, o sistema educacional deve incentivar a prática integral da inteligência, o aberto exercício da criatividade e da curiosidade e a comunicação entre os saberes.[15]

A arte do palhaço se insere neste novo olhar para o sistema educacional, contribuindo para a construção de um novo paradigma na atuação dos profissionais da saúde, possibilitando a experiência de uma visão diferente na relação profissional-paciente.[24]

Conceituando a arte do palhaço

Etimologicamente, o termo “palhaço” descende do italiano *paglia*, que significa palha.[22] A palha triturada era utilizada como revestimento para colchões.[25] Os tecidos em que ela era acondicionada e a própria palha compunham os figurinos dos palhaços da época.[26]

A palavra palhaço também pode ser utilizada para designar uma pessoa que provoca risos, usa maquiagem e trajes excêntricos, comportando-se de modo ridículo.[22]

Outra terminologia utilizada é a palavra *clown*, originária do inglês *clod*, caracterizando o homem que trabalhava no campo, em um ambiente rústico. Também pode ser empregada para denominar uma pessoa estúpida e grosseira, que não se adéqua bem.[27]

Tanto a palavra palhaço, quanto a palavra *clown* podem ser utilizadas para o mesmo fim. Alguns optam pela terminologia *clown* quando se referem a um contexto mais intimista, uma vez que a utilização da palavra palhaço pode remeter à imagem de circo, festas ou animações de eventos, o que está desconexo com a verdadeira essência do palhaço.[28-30]

O conceito principal para a manifestação do palhaço é criar um fluxo ininterrupto de comunicação com as dimensões vulneráveis, sensíveis, ridículas e transgressoras do próprio indivíduo, pois ele mostra o que desejamos esconder.[31]

O transcurso de revelação do palhaço de cada um acarreta a ruptura de blindagens que fazemos uso na vida cotidiana. Esta ruptura é feita através dos exercícios conduzidos pelo coordenador do curso, que realiza uma função semelhante ao do psicólogo.[32] Em todo esse transcurso, o papel do coordenador é fundamental, sendo o principal encarregado pelo sensível processo de descoberta do palhaço interior de cada aluno, sem que se perca o controle das situações de constrangimento e exposição, nas quais os aprendizes são colocados frequentemente.[33]

Quanto mais o indivíduo for ele mesmo, pego no momento de suas fragilidades, mais ele será engraçado e verdadeiro. De forma alguma, deverá ser interpretado um papel, mas permitir que apareça, de maneira bastante psicológica, a sinceridade que está em seu interior e que se evidencia com a derrota, a frustração e o fiasco de sua apresentação.[7]

Há inúmeros exercícios que confrontam o estudante com sua inocência e seu ridículo. Quando colocados em momentos de desconforto, surgem discretos gestos que o estudante, muitas vezes, não percebe. Esses gestos são importantes para a construção do palhaço, pois envolve características únicas de cada um, que serão esculpidas no decorrer do caminho de busca pelo palhaço interior.[32]

O riso do palhaço nasce de suas lágrimas, da expressão de seu ridículo. Faz com que a plateia se conecte, pois, reconhece características humanas naquela figura.(29)

Exercícios de aquecimento do corpo; movimentos corporais; olhares; comunicação não verbal; percepção de sensações, estados e emoções que se manifestam no corpo físico; jogos e brincadeiras infantis; improvisação; criatividade; consciência do estado de atenção, utilizando os cinco sentidos (visão, tato, paladar, olfato e audição) e o sentido sinestésico; resgate de situações dolorosas e traumas; espelhamento; paciência; triangulação; trabalho do inconsciente; e trabalho coletivo são alguns exemplos do que é trabalhado em um curso de palhaço.(34)

O palhaço trabalha com o aqui e agora. Cada instante é muito precioso e cheio de detalhes. O palhaço consegue ver e perceber os microssegundos, ele permite a transformação da realidade, da dor e do sofrimento, em algo mais leve, com um certo tom de humor.(30)

Contextualização histórica da arte do palhaço na sociedade

A figura do palhaço não apareceu em um momento específico da história; ela sempre existiu e foi se moldando ao longo do tempo, com uma função aparentemente clara, que é a de provocar o riso.(35) O palhaço está presente nas sociedades indígenas, nos povos da Grécia e da Roma antigas, nas civilizações orientais e ocidentais com suas peculiaridades em cada contexto histórico.(29)

Em algumas tribos indígenas, havia e ainda há (tribo *krahô*) uma pessoa designada para assumir o papel de “palhaço”, ao brincar, provocar risadas e surpreender, zelando pela paz e pelo equilíbrio da aldeia.(29) Suas vestimentas, maquiagem e acessórios são compostos por componentes da natureza, apresentando similaridades com o palhaço ocidental, no que diz respeito às tonalidades da maquiagem.(36)

Na Grécia antiga, o riso era associado ao renascimento, à volta à alegria de viver, um contato com o divino e um estado sublime.(37) No teatro grego, havia as figuras dos *mimos* (atores imitadores) que apresentavam peças curtas e cômicas, misturando elementos textuais e gestuais para representar pessoas com características peculiares e elementos da sociedade.(29)

Os romanos também demonstraram interesse, desde seus primórdios, pela prática de rir. A composição poética que ridiculariza os vícios e as imperfeições do ser humano era a preferida dos romanos. Nesta composição poética, o verdadeiro riso romano era despertado.(37) Na cidade romana de *Atella*, surgia a *Atelana*, uma prática teatral na qual os atores utilizavam máscaras e improvisavam diálogos que, futuramente, no Renascimento, seria a base para a *Commedia Dell'Arte* italiana.(38)

Na cultura oriental, destaca-se o *Topeng*, em Bali, Indonésia, que se refere a um espetáculo que mistura dança e teatro, focando na linguagem corporal e no uso de máscaras. As máscaras utilizadas pelos palhaços durante o espetáculo possuem expressões exageradas, assemelhando-se às maquiagens dos palhaços de circo.(29) Na China, também existiam figuras risíveis para entreter e alegrar o imperador, sendo incumbidas de desmascarar o mal e recompensar as boas ideias.(35)

No ocidente, com a chegada do cristianismo, os espetáculos religiosos predominaram durante um bom tempo. A comédia foi banida e a Santa Igreja detinha todo o poder. Os comediantes da época, mesmo diante da proibição do risível, atuavam de forma ilegal e sem local fixo. Perambulavam pelas cidades e vilas fazendo suas apresentações cômicas.(38) Uma figura que, mesmo diante das adversidades, ganhou destaque importante, foi o "Bobo da Corte".(35)

O "Bobo da Corte" era um personagem inteligente, articulado, sátiro e cômico ao mesmo tempo. Ele existia como um tipo de conselheiro do rei, fazendo-o refletir, através do risível, sobre suas ordens e decisões.(39)

Com o surgimento do Renascimento e a decadência da Idade Média, o teatro começa a reassumir sua forma, sendo realizado em salas fechadas e mostrando-se mais culto, cortês e "erudito".(38) Esse teatro servia aos nobres e burgueses da época.(40)

Em contrapartida, no cenário popular da mesma época, surgia a *Commedia Dell'Arte* italiana, uma forma teatral construída com base no improviso. O foco estava no ator e não mais nos textos e roteiros dramatúrgicos.(38)

No século XVIII, Philip Astley, um sargento inglês, dá origem ao circo moderno, com uma área central e circular, semelhante ao que conhecemos hoje. Era um espetáculo que mesclava cavalos, cavaleiros, equilibristas, acrobatas e palhaços, que surgiam entre um número e outro para quebrar o clima "tenso" provocado pelos espetáculos.(35)

Nos circos, os palhaços costumavam atuar (e ainda atuam) em duplas. Cada palhaço foi se adaptando e se desenvolvendo com o passar do tempo. Dois tipos bem característicos encontrados no universo do palhaço, que perduram até os dias de hoje nos circos e teatros, são o *Branco* e o *Augusto*.[41]

As denominações *Branco e Augusto* determinam a personalidade de cada palhaço. O *clown Branco* é aquele dito inteligente, poderoso, poético, com vestimentas elegantes. Já o *Augusto* apresenta uma certa desordem, é distraído, tolo, atrapalhado, caótico, usa roupas grandes e desproporcionais.[29]

A figura do palhaço, ao longo dos séculos, foi se desenvolvendo e se reinventando.[42] Nos últimos trinta anos, houve uma migração dos circos e palcos para as ruas, a televisão, o cinema, as zonas de conflitos, os presídios, os hospitais e as universidades, dentre outros locais.[29,35]

No ambiente hospitalar, o primeiro palhaço a atuar sistematicamente e de modo estruturado foi Michael Christensen, diretor do *Big Apple Circus* de Nova Iorque, uma organização circense norte-americana. Em 1986, apresentou-se num hospital para crianças internadas, realizando paródias médicas.[30] A apresentação foi um sucesso e dela derivou o *Clown Care*, um programa com objetivo de levar palhaços para o contexto hospitalar e colocar em prática um método diferenciado, utilizado para crianças hospitalizadas.[30,42,43]

No Brasil, Wellington Nogueira fundou o grupo “Doutores da Alegria”, em 1991, após nove anos de trabalho com Michael Christensen.[30] Caracterizando-se como uma organização sem fins lucrativos, esse grupo faz uso da arte do palhaço para intervir junto a pessoas em situações de fragilidade e apuro social, em hospitais e outros ambientes.[44]

Mais recentemente, no ambiente universitário, algumas universidades da saúde introduziram a linguagem do palhaço, com o objetivo de treinar habilidades socioemocionais, muitas vezes subestimadas no ensino tradicional.[11]

Segundo o site dos “Doutores da Alegria”,[44] no Brasil, estão cadastradas 1.155 iniciativas que utilizam a linguagem do palhaço em ambiente hospitalar, contendo 17.633 participantes dessas iniciativas, dentre eles, estudantes e profissionais de saúde.

Independentemente do local, para que o riso desencadeado pela presença do palhaço seja um agente transformador, é necessário muito estudo,

sensibilidade e desenvolvimento técnico de quem se propõe a atuar como tal, além de uma sistematização na formação de novos palhaços transgressores e renovadores.[35]

O impacto da presença da arte do palhaço para os pacientes nos serviços de saúde

A atuação dos palhaços no ambiente hospitalar tem como característica a atribuição de novos significados a acontecimentos, através da mudança de sua visão de mundo. O palhaço procura transformar um acontecimento "aparentemente negativo" em um modo de trabalho que transporte ao riso ou a outro nível emocional, diferente do vivenciado diariamente pelos pacientes na rotina hospitalar.[30,45,46]

No universo do palhaço, são utilizadas diferentes soluções que evitam as rotinas hospitalares regulares e que podem ajudar as crianças e os pais, através de criatividade, imaginação, humor e ressignificação das emoções, a proporcionar momentos de distrações e subversão da lógica hospitalar.[47]

Um estudo de revisão bibliográfica, realizado acerca do impacto dos "palhaços hospitalares" para pacientes e acompanhantes, mostrou que as visitas provocam alegria, relaxamento, melhora do local onde estão inseridas, redução do estresse de pacientes e acompanhantes, contribuição na recuperação, tranquilidade às mães (no caso dos pacientes pediátricos), enriquecimento da relação de profissionais e estudantes com os pacientes e, inclusive, dos pacientes entre si.[48]

Outro estudo, realizado apenas com crianças e "palhaços hospitalares", que passaram por treinamento prévio, expôs que os pacientes pediátricos apresentaram redução nos níveis de dor, ansiedade e até mesmo febre durante a presença dos palhaços.[9]

Os efeitos da presença dos "palhaços hospitalares" se estendem a outras faixas etárias, como adultos e idosos. Foram evidenciados melhora na função respiratória em pacientes adultos com DPOC (Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica); aumento da taxa de gravidez em mulheres submetidas à fertilização *in vitro*; e diminuição de alguns comportamentos disruptivos (tentativa de fuga, autoagressão e luta) em idosos com demência.[49]

Efeitos da interação dos palhaços na atenção básica também foram observados. Do ponto de vista das famílias visitadas pelos palhaços, ocorreram transformações cotidianas em relação a rotina, solidão, lazer, dinâmica familiar e

autocuidado. As visitas dos palhaços estabeleceram vínculos fortes e livres com as famílias.[8]

O sorriso denota o ponto de encontro na trajetória do palhaço e de seu espectador. O nariz vermelho é a chave que permite ao palhaço falar e fazer coisas que de cara limpa, estaria arriscado a ser levado a sério. Ele oferece sua face mais frágil e pouco aceita, incentivando que o outro faça o mesmo e viva seu lado difícil por intermédio dessa conexão.[30]

O humor e o riso, não são as únicas formas de encontro dos palhaços com seus espectadores. Podem ocorrer sutis e amáveis comunicações, como um olhar, uma canção, uma poesia ou apenas um cumprimento.[9]

Por via de regra, o encontro com os palhaços tem mostrado repercussões positivas, tanto na qualidade de vida dos pacientes hospitalizados, quanto nas respostas aos recursos terapêuticos utilizados.[8,9,30,48,49]

O impacto da arte do palhaço para os profissionais da saúde

Os profissionais da saúde, principalmente aqueles que atuam em ambiente hospitalar, lidam com pacientes e familiares que manifestam os mais diversos sentimentos ao receberem seus diagnósticos.[50]

Além dos pacientes, alguns profissionais de saúde lidam com condições exaustivas de trabalho, como falta de recursos, longas jornadas, duplo emprego e demanda elevada de pacientes.[51]

Esses fatores interligados podem gerar estresse e levar a uma sobrecarga psicológica dos profissionais, desencadeando doenças ocupacionais e perda de qualidade de vida.[52]

A atuação dos “palhaços hospitalares” parece contribuir com a equipe de saúde para um ambiente de trabalho com menos estresse e para uma atmosfera mais leve.[49]

Perceber fatos a partir de novos parâmetros, transformar a experiência da doença em possibilidade de desenvolvimento e fortalecimento, favorecer relações horizontais com os pacientes, construir vínculos que permitam a expressão de sentimentos e atuar a partir do que o outro apresenta como necessidade foram algumas mudanças relatadas por profissionais de saúde a partir da atuação dos palhaços em ambiente hospitalar.[30]

Estudos realizados no Canadá e na Austrália também demonstraram efeitos positivos dos “palhaços hospitalares” em relação à equipe de saúde. O estado de humor dos profissionais apresentou melhora durante a atuação dos palhaços.[53-55]

A inserção da arte do palhaço na formação dos estudantes da área da saúde: o uso da menor máscara do mundo

Em diversos países do mundo, incluindo o Brasil, a linguagem do palhaço está sendo introduzida em cursos de graduação, com a finalidade de estimular o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais nos futuros profissionais.[11]

O desenvolvimento dessas habilidades a partir da arte do palhaço inclui alguns elementos-chave, que devem ser estudados sistematicamente. O processo de comunicação verbal e não verbal, o olhar, a escuta, o trabalho em equipe, a prontidão e o uso do tempo são alguns exemplos das habilidades a serem desenvolvidas.[30]

Mostrar-se genuinamente tonto, estúpido e atrapalhado e expor-se a julgamentos são os ofícios do palhaço. Seu objetivo é agradar as pessoas, mesmo que, se necessário, precise se expor ao ridículo.[6]

Durante a formação acadêmica, o desenvolvimento do aluno, enquanto ser total deveria ser estimulado, a fim de assegurar seu fortalecimento emocional, uma vez que ele é exposto a situações que geram ansiedade, medo e expectativas resultantes das particularidades da área da saúde.[1]

Os estudantes buscam, na participação de projetos universitários como os “palhaços hospitalares”, o aprimoramento pessoal e profissional e a humanização na relação pessoal com o enfermo, dentre outros motivos.[56]

Projetos universitários de extensão, como os “palhaços hospitalares”, têm se revelado um instrumento importante em termos pedagógicos e práticos, estimulando o desenvolvimento do pensar, do sentir e do agir, contribuindo para formação humanitária dos estudantes da saúde.[11,57]

Professores, estudantes e profissionais da saúde, comunicando-se a partir dos mesmos ideais éticos e legais da profissão e colocando em prática essas sabedorias, estarão colaborando consideravelmente para formação de novos modelos no ensino do cuidado humanizado.[3]

Há a necessidade de implementar modificações curriculares nos cursos de graduação da área da saúde, para que o olhar humanístico não fique apenas na teoria e consiga transcender para a prática profissional.[1,58]

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Interacionismo Simbólico

O Interacionismo Simbólico (IS) tem sua perspectiva analítica fundamentada nas interações humanas e na vida social. Portanto, seu foco principal é a *natureza da interação* relacionada às experiências humanas.[59]

O indivíduo é apresentado como um ser apto para utilizar seu raciocínio e sua natureza de simbolização para codificar e se adaptar às situações, dependendo de como o próprio indivíduo venha a definir a situação.[60]

As raízes do IS são encontradas na Psicologia Social e na Sociologia. O sociólogo e docente de filosofia da Universidade de Chicago, George Herbert Mead (1863-1931), foi o primeiro a se aprofundar em pesquisas que apresentaram as principais origens do IS, porém, foi Hebert Blumer, seu seguidor, quem divulgou, em 1937, os pressupostos essenciais do IS de forma sistematizada.[59,61]

A teoria do IS fundamenta-se em três ideias centrais, as quais afirmam que: (a) o ser humano age em relação ao mundo baseando-se nos significados que oferece para ele; (b) os significados são provenientes da interação social que o indivíduo mantém com as demais pessoas; (c) e os significados são decorrentes de um processo interpretativo, utilizado pelo indivíduo ao se relacionar com objetos ou pessoas.[62]

A fim de compreender mais detalhadamente o IS, são apresentados conceitos básicos:

- Símbolo: é considerado um objeto social (o que vemos e interpretamos) cujo significado é definido na interação do indivíduo consigo e com os outros. Permite a comunicação, a socialização e a interpretação individual e coletiva. Toda comunicação humana é simbólica.[59,62]
- Linguagem: é um tipo de símbolo cultural, social e sistematicamente estabelecido para expressar aos outros e a nós mesmos o que pensamos, observamos e imaginamos.[59]
- Self: é definido como “si mesmo” ou ambiente interno da própria pessoa. O indivíduo nasce com ele, porém é redefinido socialmente nos processos de

interação com os outros, tornando-se constantemente passível de mudanças. Self é representado em duas fases: o “eu”, resposta para as atitudes dos outros, mais impulsivo e espontâneo, e o “mim”, organização das atitudes e das expectativas comuns encontradas em um determinado grupo, compreende o outro generalizado.(59,62)

- Mente: é uma ação simbólica para o self, por meio da qual o indivíduo pode manipular os símbolos e comunicar-se consigo através dos pensamentos, por exemplo. Surge da interação com outros.(59,62)
- Assumir o papel do outro*:* conceito central do IS. Ao assumir o papel do outro, o indivíduo pode entendê-lo e se fazer entendido por ele. É uma atividade mental indispensável para o desenvolvimento do self e do símbolo, colocando-os em ação.(59,62)
- Ação humana: é fruto de decisões em relação à interpretação das situações que o sujeito se encontra. Sofre influência da interação com os outros e com o self.(59,62)

O IS possui ainda a concepção de sociedade como um processo em que o indivíduo e essa sociedade estão estreitamente inter-relacionados.(61)

Ele afirma que as ações individuais e coletivas são construídas a partir da interação entre as pessoas, tratando-se, assim, da interação social das pessoas e de sentimentos e atitudes construídos a partir dos significados atribuídos aos objetos e símbolos, pelos indivíduos.(60)

O IS também permite ampliar a compreensão de significados e experiências referentes à interação entre indivíduos e uma situação vivenciada.(63)

A escolha desse referencial teórico justifica-se por ser um modo de ampliar a compreensão do significado da experiência de interação dos profissionais de saúde com o processo de descoberta do palhaço. Nesse sentido, o significado que o profissional atribui à experiência de interagir com o próprio palhaço é construído na interação que ele estabelece consigo mesmo, com os colegas de turma, com os pacientes, com a equipe multiprofissional e com a sociedade.

Ao redefinir o self e assumir o papel do outro, o profissional-palhaço age e interage com diversas situações que passam a ser ressignificadas, conforme avalia o momento presente, atribuindo, assim, um novo olhar para sua experiência.

4 MÉTODOS

4.1 Delineando o estudo

Trata-se de um estudo descritivo, que se insere no campo das pesquisas qualitativas e interpretativas.

A abordagem qualitativa fundamenta-se na busca do significado individual e coletivo que determinado assunto tem na vida das pessoas. Diz respeito às percepções, crenças e representações que cada um faz de uma determinada situação. Esta abordagem visa identificar as análises que os indivíduos realizam sobre si, a maneira como pensam, vivem e sentem.[64] Procura entender o todo em relação aos participantes da pesquisa, caracterizando-se pela propensão holística e flexível e pela análise constante dos dados.[65]

Este modelo de pesquisa apresenta um entendimento intenso de certos fenômenos, possibilitando a compreensão de processos sociais pouco familiares, no que diz respeito a grupos específicos. Revela, ainda, a importância da subjetividade, com foco na especificidade de um fenômeno em seu nascimento e sua razão de ser.[61]

O método de estudo proposto possibilita, ainda, a estruturação de novas variáveis, tipologias, categorias e indicadores.[64] Expõe a união inseparável entre o universo objetivo e subjetivo, mostrando o que não pode ser determinado por números.[66]

4.2 Apresentando o cenário do estudo

O estudo foi realizado junto ao projeto de extensão denominado “Narizes de Plantão”, voltado para a formação de estudantes de saúde no contexto da linguagem do palhaço. Esse projeto é desenvolvido no Centro Universitário São Camilo, uma universidade privada do estado de São Paulo, sob coordenação e supervisão artística e logística do docente Mauro Fantini, que também é palhaço profissional.[67]

No projeto, os participantes entram em contato com a maneira de se comunicar do palhaço e a utilizam no hospital com o objetivo de modificar o ambiente

hospitalar.[67] Alunos e profissionais que atuam na referida universidade podem participar, sendo que a seleção é realizada por meio de análise de questionário e entrevista.[67]

Quando os alunos terminam o curso de graduação ou os profissionais deixam de trabalhar na universidade, são automaticamente desvinculados do projeto.[67]

São realizados treinamentos constantes, conduzidos por professores com extensa experiência na linguagem do palhaço, em teatro, contação de histórias, música, atuação no hospital e comunicação. Esses treinamentos têm por objetivo desenvolver nos participantes diversas competências socioemocionais, como escuta, comprometimento, trabalho em equipe e entrosamento, dentre outras.[67]

Os treinamentos são presenciais e têm duração total de 64 horas por semestre, com encontros semanais, realizados em uma sala na instituição. Dependendo do período em que o aluno permaneceu no projeto, ocorrerá variações de horas de treinamentos (para mais ou para menos). Além disso, há suporte de dúvidas via online, auxílio financeiro para figurino, material de maquiagem para os participantes e um “tutor” (aluno veterano do projeto) para cada novo participante.[67]

Durante os treinamentos, também ocorre, obrigatoriamente para os novos alunos, a participação em uma visita ao hospital acompanhando palhaços experientes do próprio projeto, para que os novos alunos observem como o aprendizado é colocado em prática.[67]

Após os treinamentos sistemáticos, os partícipes estão aptos para realizar visitas semanais em hospitais parceiros, colocando em prática todos os ensinamentos sobre a arte do palhaço.[67] As visitas são feitas pelos integrantes do projeto, sempre acompanhados por, pelo menos, um palhaço experiente na atuação em hospitais. A duração de cada visita tem, em média, cinco horas (entre preparação, visita e conversa). Ao fim de cada visita, os participantes têm prazo de sete dias para produzirem relatórios individuais sobre as atividades realizadas, considerando as dificuldades encontradas e as brincadeiras inventadas.[67]

Os relatórios são discutidos pelo grupo, gerando momentos produtivos de reflexão sobre o trabalho realizado, além de dados quantitativos a respeito do projeto de extensão.[67]

4.3 Conhecendo os participantes do estudo

O estudo foi realizado com 19 profissionais de saúde que participaram desse projeto durante o curso de graduação ou eram funcionários da instituição de ensino em que o projeto é realizado.

A idade dos partícipes variou entre 23 e 54 anos, com predomínio do sexo feminino. O tempo de participação no projeto “Narizes de Plantão” variou de 6 a 60 meses e apenas dois participantes ainda estão vinculados ao projeto. O perfil dos participantes é apesentado no Quadro 1.

Quadro 1. Perfil dos participantes da pesquisa

Participantes	Idade (anos)	Sexo	Profissão	Ano de graduação	Tempo de participação no projeto “Narizes de Plantão”	Participação atual em projetos relacionados à arte do palhaço:
C1	27	Feminino	Fisioterapeuta	2013	18 meses	Sim
C2	30	Masculino	Médico	2016	24 meses	Não
C3	26	Masculino	Fisioterapeuta	2014	12 meses	Sim
C4	29	Feminino	Médica	2014	24 meses	Não
C5	26	Feminino	Biomédica	2013	12 meses	Não
C6	27	Feminino	Nutricionista	2015	42 meses	Não
C7	30	Feminino	Terapeuta Ocupacional	2013	24 meses	Não
C8	33	Masculino	Médico	2017	42 meses	Não
C9	25	Feminino	Nutricionista	2015	36 meses	Não
C10	25	Feminino	Nutricionista	2015	42 meses	Não
C11	25	Feminino	Biomédica	2017	60 meses	Não
C12	54	Feminino	Docente de enfermagem	1989	18 meses	Não
C13	23	Feminino	Biomédica	2018	12 meses	Não
C14	31	Feminino	Médica	2019	12 meses	Não
C15	29	Feminino	Nutricionista	2013	6 meses	Não
C16	28	Masculino	Médico	2018	12 meses	Não
C17	28	Feminino	Biomédica	2014	18 meses	Não

C18	27	Feminino	Médica	2017	36 meses	Não
C19	28	Feminino	Biomédica	2014	36 meses	Não

A amostra constituiu-se de acordo com os seguintes critérios de inclusão: profissionais de saúde que participaram do projeto de extensão “Narizes de Plantão” e que fizeram pelo menos uma visita em hospital, enquanto “palhaço hospitalar”; estarem atuando, no momento da coleta dos dados, como profissionais ou docentes da área da saúde.

4.4 Compreendendo o procedimento e instrumento de coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada, realizada via online, por meio do aplicativo *Google Hangouts,* sendo audiovideogravada, possibilitando sua transcrição literal. Todas as imagens foram tratadas como confidenciais e utilizadas apenas para os fins da pesquisa. Além disso, os participantes assinaram o termo de autorização da imagem antes do início da entrevista.

As entrevistas ocorreram entre abril e agosto de 2019 e duraram, em média, 20 minutos. Para sua condução, elaborou-se um roteiro, constituído por dados pessoais do entrevistado e três perguntas norteadoras sobre a vivência dos participantes em relação à participação no projeto “Narizes de Plantão”: “Como foi para você participar do projeto ‘Narizes de Plantão’ durante o curso de graduação?”; “O que motivou você a participar do projeto ‘Narizes de Plantão’?”; “Conte-me uma experiência em que você utiliza na prática as técnicas apreendidas durante o projeto ‘Narizes de Plantão’”.

A pesquisadora entrou em contato com os participantes, via e-mail, explicando sobre o estudo e convidando-os a participar da pesquisa, sendo agendados a data e o horário para realização da entrevista. Os dados dos participantes (nome e *e-mail*) foram disponibilizados pelo coordenador geral do projeto de extensão “Narizes de Plantão”, mediante termo de autorização e compromisso para uso de informações.

Inicialmente, a pesquisadora entrava em contato com o potencial participante da pesquisa, apresentando-se para aqueles que ainda não a conheciam e explicando sobre as finalidades, os riscos e os benefícios da pesquisa. Caso

concordasse em participar, o voluntário era apresentado ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 1) a ser assinado por ele. Não houve recusa de participação.

4.5 Atendendo aos princípios éticos

A Resolução nº 466, de 2012, do Conselho Nacional de Saúde[68] discorre sobre diretrizes e normas regulamentadoras das pesquisas em seres humanos. O presente estudo respeitou todas as prerrogativas dispostas na legislação. Diante disso, a coleta de dados só foi iniciada após apreciação pelo Sistema de Gestão de Projetos de Pesquisa do Hospital Israelita Albert Einstein (SGPP) e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição. O estudo foi aprovado conforme número do parecer 3.182.231 (Anexo A).

O TCLE possui todas as informações relevantes sobre a pesquisa, conforme recomendado pela Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, sendo elaborado em linguagem clara e acessível ao leitor. Foi assegurado o sigilo de todas as informações obtidas com este estudo, sendo utilizadas apenas para fins científicos.

Os pesquisadores também se comprometeram a dar continuidade ao estudo e a garantir a integridade e a confiabilidade das informações levantadas durante o estudo. Para o desenvolvimento deste projeto, foi considerada a anuência dos gestores de área e dos participantes do projeto.

4.6 Apresentando o referencial metodológico e a análise dos dados

Os dados foram analisados utilizando-se a Análise Qualitativa do Conteúdo. Este tipo de referencial metodológico tem sido vastamente usado em pesquisas na área de saúde, sendo aplicado para discorrer sobre um fenômeno específico, aumentando o saber sem prejudicar o rigor científico.[69]

Existem três modalidades de análise de conteúdo: dirigida, somatória e convencional. Todas têm o objetivo de interpretar o conteúdo do discurso, diferenciando-se pela forma de organização dos esquemas de codificação dos dados e pelo tratamento das unidades de significado.[69]

A análise dirigida é indicada quando já existe uma pesquisa primária em relação ao assunto proposto, objetivando legitimar ou amplificar um conceito teórico. A análise somatória busca compreender a utilização contextual das palavras, envolvendo a identificação, a comparação e a quantificação de palavra-chave ou conteúdo e permitindo a interpretação de um contexto associado com o uso de palavra ou frase. E, por fim, a análise convencional, utilizada neste estudo, objetiva a codificação de categorias derivadas diretamente dos dados emergidos do próprio discurso do sujeito.[69]

A justificativa para a escolha da análise convencional se dá pelo fato de esta abordagem prover conhecimentos direto dos partícipes, sem impor teorias ou categorias preconcebidas. Ademais, deve ser aplicada quando o fenômeno a ser estudado carece de compreensão.[69]

Os dados foram sistematicamente analisados, seguindo os passos de codificação dos dados, categorização, integração das categorias e descrição.[69]

A codificação ocorreu a partir de leituras exaustivas, para a familiarização com as palavras e frases provenientes dos discursos dos sujeitos, submetendo-as a uma organização de acordo com as informações presentes nas entrevistas. Foram destacados trechos dos textos, a fim de compreender o todo e identificar os códigos.[69] Um exemplo de codificação é apresentado no Quadro 2.

Quadro 2. Exemplo de codificação

Trecho de uma entrevista	Codificação
C1: Putz, foi maravilhoso né, foi uma, é, acho que foi muito transformador na verdade (1), porque quando eu inseri no grupo [“Narizes de Plantão”], no treinamento é eu acho que entender os conceitos do clown, enfim, tudo que ele trabalhava me mudou muito como pessoa mesmo (2). Então, ser mais aberto para as coisas, falar mais sim, muitos dos conceitos eu levava mesmo para a vida (3).	(1) Relatando que foi transformador. (2) Dizendo que mudou como pessoa. (3) Levando os conceitos que aprendeu no palhaço para a vida.

Legenda: C1 – Conversa 01. Os códigos e os trechos de discurso relacionados são identificados por um número entre parênteses.
Fonte: Dados da pesquisa.

Buscou-se preservar as palavras usadas pelos partícipes do estudo, para captar os pensamentos e conceitos-chave, realizando anotações e impressões sobre os pontos que chamaram atenção.[69]

A categorização foi realizada por meio de agrupamento dos trechos codificados na etapa anterior em categorias e subcategorias, verificando se um trecho poderia se encaixar em mais de uma categoria, de acordo com as suas similaridades. Assim, as categorias foram analisadas consoante ao objetivo e à necessidade da pesquisa.[69] Um exemplo de categorização é apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 - Construindo categorias/subcategorias a partir dos códigos

Códigos	**Categoria**
Dizendo utilizar a subversão como ferramenta de trabalho. Utilizando brincadeiras no ambiente de trabalho. Relatando levar leveza para o ambiente hospitalar. Transformando o ambiente através do humor. Dizendo mudar o humor do ambiente de trabalho.	*Tornando o ambiente de trabalho mais leve por meio do humor*

Fonte: dados da pesquisa

Na fase de integração das categorias, o propósito foi encontrar as relações e as semelhanças entre as categorias e perceber quais os significados foram recorrentes nos dados e quais considerações poderiam ser obtidas.[69]

Finalmente, na fase de descrição, ocorreu a integração e a relação dos dados categorizados com as anotações e com os demais materiais referentes à pesquisa.[69]

5 RESULTADOS

O resgate das vivências dos profissionais entrevistados, sobre sua participação no projeto “Narizes de Plantão”, gerou dados riquíssimos, possibilitando a construção de três artigos, cada qual abordando uma das categorias que emergiram da análise dos discursos: “Dando significado para suas vivências ao participar do projeto ‘Narizes de Plantão’ como **estudante**”, “Refletindo sobre o impacto do projeto ‘Narizes de Plantão’ na sua trajetória **profissiona**l” e “Reconhecendo a contribuição das vivências do projeto ‘Narizes de Plantão’ para sua **vida pessoal**” (Figura 1).



Figura 1 – Diagrama das categorias temáticas.

A seguir, serão apresentadas cada uma das categorias temáticas e suas respectivas subcategorias (Figuras 2, 3 e 4).



Figura 2 – Categoria e subcategorias referente as vivências enquanto estudantes.

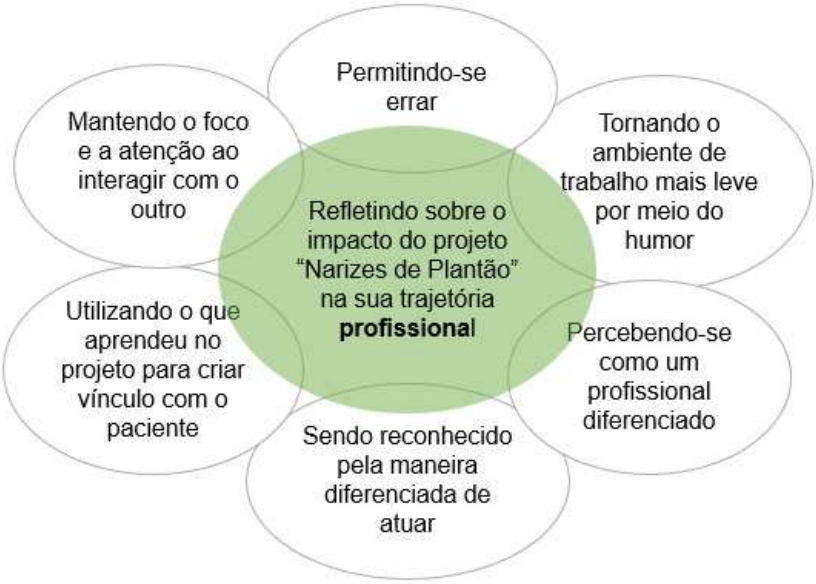


Figura 3 – Categoria e subcategorias referente as vivências enquanto profissionais de saúde.

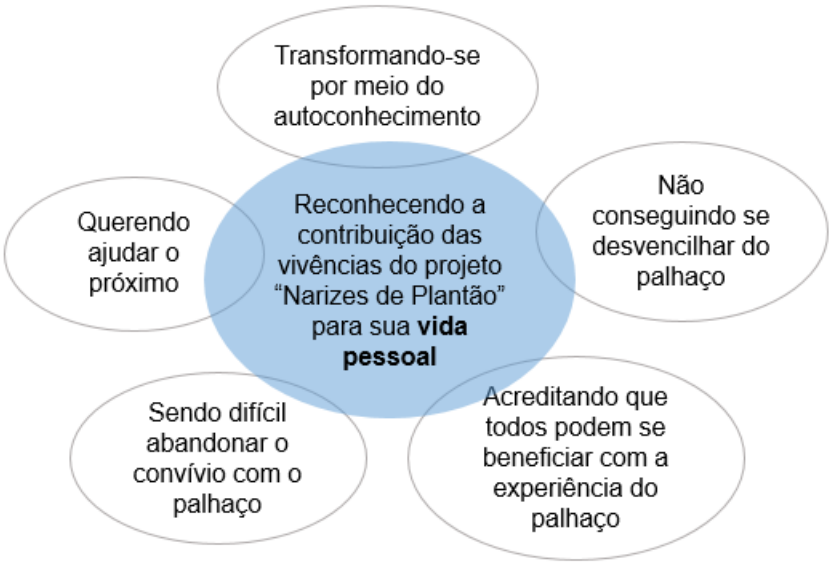


Figura 4 – Categoria e subcategorias referente as vivências na vida pessoal dos participantes.

Assim, os resultados serão apresentados sob a forma de três artigos, a serem submetidos para publicações em revistas indexadas e classificadas pela CAPES no extrato mínimo B2 ou superior.

ARTIGO 1

A ARTE DO PALHAÇO COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL DURANTE A GRADUAÇÃO NA PERSPECTIVA DO PROFISSIONAL DE SAÚDE

Louro CR, de Amorim Almeida F.

Resumo

Objetivo: Compreender o significado da vivência dos profissionais de saúde em participar de um projeto de extensão sobre a arte do palhaço enquanto alunos durante o curso de graduação. Elaborar uma proposta educativa abordando a arte do palhaço, sob a forma de disciplina optativa para graduandos em saúde.

Métodos: Estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizado com 19 profissionais de saúde que participaram do projeto de extensão denominado “Narizes de Plantão” durante a graduação. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas audiovideogravadas e analisados a partir da Análise Qualitativa do Conteúdo, utilizando-se o Interacionismo Simbólico como referencial teórico.

Resultados: Ao relatarem a vivência da arte do palhaço, os participantes expressaram o impacto positivo, transformador e autoterapêutico do projeto, durante a graduação, incluindo o desenvolvimento de habilidades socioemocionais em suas vidas acadêmicas.

Conclusão: A arte do palhaço mostrou-se uma poderosa ferramenta transformacional e educacional, auxiliando na formação de profissionais de saúde mais empáticos e humanizados.

Descritores: Educação Superior; Pessoal de Saúde; Terapia do Riso; Jogos e brinquedos; Humanização da Assistência.

Introdução

Em diversos países do mundo, incluindo o Brasil, a linguagem do palhaço está sendo introduzida em cursos de graduação, com a finalidade de estimular o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais nos futuros profissionais.[1]

O desenvolvimento dessas habilidades a partir da arte do palhaço inclui alguns elementos-chave, que devem ser estudados sistematicamente. O processo de

comunicação verbal e não verbal, o olhar, a escuta, o trabalho em equipe, a prontidão e o uso do tempo são alguns exemplos deas habilidades a serem desenvolvidas.[2]

Mostrar-se genuinamente tonto, estúpido e atrapalhado e expor-se à julgamentos são os ofícios do palhaço. Seu objetivo é agradar as pessoas, mesmo que, se necessário, precise se expor ao ridículo.[3]

Durante a formação acadêmica, o desenvolvimento do aluno, enquanto ser total, deveria ser estimulado, a fim de assegurar seu fortalecimento emocional, uma vez que ele é exposto a situações que geram ansiedade, medo e expectativas resultantes das particularidades da área da saúde.[4]

Os estudantes buscam, na participação de projetos universitários como os "palhaços hospitalares", o aprimoramento pessoal e profissional e a humanização na relação pessoal com o enfermo, dentre outros motivos.[5]

Projetos universitários de extensão, como os "palhaços hospitalares", têm se revelado um instrumento importante em termos pedagógicos e práticos, estimulando o desenvolvimento do pensar, do sentir e do agir, contribuindo para formação humanitária dos estudantes da saúde.[1,6]

Professores, estudantes e profissionais da saúde, comunicando-se a partir dos mesmos ideais éticos e legais da profissão e colocando em prática essas sabedorias, estarão colaborando consideravelmente para formação de novos modelos no ensino do cuidado humanizado.[7]

Há a necessidade de implementar modificações curriculares nos cursos de graduação da área da saúde, para que o olhar humanístico não fique apenas na teoria e consiga transcender para a prática profissional.[4,8]

Desta forma, o presente estudo teve como objetivo compreender o significado da vivência dos profissionais de saúde ao participar de um projeto de extensão sobre a arte do palhaço durante o curso de graduação e a Elaborar uma proposta educativa abordando a arte do palhaço, sob a forma de disciplina optativa para graduandos em saúde.

Este artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado que aborda a vivência do profissional de saúde na arte do palhaço, durante a graduação e suas repercussões na vida acadêmica, profissional e pessoal.[9]

Métodos

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa e interpretativa, realizado com 19 profissionais de saúde que participaram do projeto de extensão denominado “Narizes de Plantão” durante a graduação ou funcionários da instituição onde o projeto é realizado. O projeto é realizado em uma universidade privada do estado de São Paulo e enfoca a abordagem da arte do palhaço na formação de estudantes de saúde, com o objetivo de modificar o ambiente hospitalar por meio de alterações na percepção do estudante e do paciente sobre as relações humanas. O perfil dos participantes do estudo é apresentado no Quadro 1.

Quadro 1. Perfil dos participantes da pesquisa

Participantes	Idade (anos)	Sexo	Profissão	Ano de graduação	Tempo de participação no projeto “Narizes de Plantão”	Participação atual em projetos relacionados à arte do palhaço:
C1	27	Feminino	Fisioterapeuta	2013	18 meses	Sim
C2	30	Masculino	Médico	2016	24 meses	Não
C3	26	Masculino	Fisioterapeuta	2014	12 meses	Sim
C4	29	Feminino	Médica	2014	24 meses	Não
C5	26	Feminino	Biomédica	2013	12 meses	Não
C6	27	Feminino	Nutricionista	2015	42 meses	Não
C7	30	Feminino	Terapeuta Ocupacional	2013	24 meses	Não
C8	33	Masculino	Médico	2017	42 meses	Não
C9	25	Feminino	Nutricionista	2015	36 meses	Não
C10	25	Feminino	Nutricionista	2015	42 meses	Não
C11	25	Feminino	Biomédica	2017	60 meses	Não
C12	54	Feminino	Docente de enfermagem	1989	18 meses	Não
C13	23	Feminino	Biomédica	2018	12 meses	Não
C14	31	Feminino	Médica	2019	12 meses	Não
C15	29	Feminino	Nutricionista	2013	6 meses	Não
C16	28	Masculino	Médico	2018	12 meses	Não
C17	28	Feminino	Biomédica	2014	18 meses	Não

C18	27	Feminino	Médica	2017	36 meses	Não
C19	28	Feminino	Biomédica	2014	36 meses	Não

Como critérios de inclusão na pesquisa, os participantes deveriam ter feito pelo menos uma visita em hospital como “palhaço hospitalar” do projeto, e estar atuando, no momento da coleta dos dados, como profissionais da área da saúde. Os dados para acesso aos participantes foram disponibilizados pelo coordenador geral do projeto de extensão “Narizes de Plantão”, mediante termo de autorização e compromisso para uso de informações.

A coleta de dados realizou-se por meio de entrevistas semiestruturadas e audiovideogravadas, via internet, entre abril e agosto de 2019. Utilizou-se um roteiro contendo dados pessoais dos entrevistados e três perguntas norteadoras: “Como foi para você participar do projeto ’Narizes de Plantão’ durante o curso de graduação?”; “O que motivou você a participar do projeto ‘Narizes de Plantão’?”; “Conte-me uma experiência em que você utiliza na prática as técnicas apreendidas durante o projeto ‘Narizes de Plantão’”.

As entrevistas foram transcritas integralmente, utilizando-se a Análise Qualitativa de Conteúdo, como referencial metodológico, e o Interacionismo Simbólico, como referencial teórico. Os dados foram codificados e categorizados, frase por frase, por meio da leitura exaustiva. Os códigos semelhantes foram reunidos e nomeados por títulos, originando as categorias e as subcategorias.

A pesquisa seguiu a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição (número do parecer 3.182.231). Os partícipes foram informados da natureza do estudo e formalizaram seu consentimento, sendo assegurados a confidencialidade dos dados e o anonimato. Não houve recusa de participação.

Resultados

Os discursos dos entrevistados revelaram que o primeiro contato com o projeto “Narizes de Plantão” ocorreu, na maioria das vezes, durante a graduação. A análise dessas vivências com a arte do palhaço possibilitou a elaboração de seis categorias, apresentadas a seguir.

Sentindo-se motivado em participar do projeto

Nesta categoria, evidenciam-se os fatores que motivaram o profissional a participar do projeto “Narizes de Plantão”. Muitos dos entrevistados tomaram conhecimento do projeto por meio de outros alunos que já participavam do projeto e de suas experiências durante as oficinas.

> *[...] é minha amiga e era da minha turma da faculdade, [...] ela só falava coisas boas. Aí, eu falei: “não, tá...agora eu tenho a coragem que eu preciso, né? Um empurrãozinho para eu fazer”. Então, tem bastante influência dela. C10*

> *[...] eu sabia só o que eles [amigos que já tinham participado do projeto] me contavam [...]. Eles pareciam outra pessoa [após participar do projeto]. E aí, eu falei: “ah, eu acho que eu vou tentar fazer isso aí” [participar do projeto]. C5*

Outro aspecto, que motivou o profissional a participar no projeto “Narizes de Plantão”, foi o fato de o entrevistado conhecer previamente o coordenador do projeto, que também era professor na instituição, percebendo sua atuação como diferenciada na condução das aulas em relação aos demais docentes.

> *[...] E, assim, a gente sentia que ele era uma pessoa diferente... um professor diferente dos outros. Todos os outros eram “ok”, eram bons também... E ele também era bom, mas era diferente [...] Ele sempre foi um professor... tinha uma didática diferente dos outros, sabe? [...] C17*

> *[...]ele era diferente sabe? Então, eu fiz assim: “Meu, que legal! Eu gostei do jeito dele”. Quando eu fiquei sabendo que ele era o coordenador do projeto, né... aí eu: “Hum, tá... acho que eu vou participar”.C13*

O sentimento de curiosidade em relação ao projeto “Narizes de Plantão”, mais especificamente como seria a experiência de ser palhaço, também foi um dos fatores que motivaram a participação de alguns dos entrevistados no projeto.

> *[...]eu tinha muita curiosidade também... de como... o que era usar a máscara do palhaço dentro de um hospital. Eu tinha muita essa curiosidade [...]. C9*

> *[...] acho que foi muito mais uma sensação de se inscrever e tentar descobrir o que era isso... acho que, mais uma curiosidade né? De algo novo, algo diferente... Porque, de todas as coisas que a universidade proporcionava, nenhuma tinha a ver com isso [...]. C10*

Sendo difícil entender o que acontece dentro do projeto antes de participar dele

Para os profissionais entrevistados, era difícil entender claramente em que consistia o projeto, considerando apenas a descrição das pessoas que já faziam parte dele. Ressalta-se que as oficinas realizadas no projeto "Narizes de Plantão" são puramente práticas e vivenciais, de forma que as pessoas só conseguem compreender plenamente o que acontece nessas oficinas, quando passam a participar delas.

> *[...] olhando hoje, eu falo: "Caraca, eu não tinha noção de nada"... Porque acho que, só participando, a gente sabe o que você vivencia ali... o que você aprende e o quanto você cresce, né? C6*

> *[...] eu não tinha muita ideia das ferramentas... assim, né, que se ia usar... nem nada do gênero. O máximo que eu tinha de referência era realmente a aula aberta... Mas para você ter ideia do quanto isso era uma coisa encortinada, assim, para mim, eu levei papel e caneta na primeira oficina... Então, outro universo. C19*

Temendo a exposição ao participar do projeto

Alguns profissionais com perfil mais introvertido surpreenderam-se com o seu interesse pelo projeto, reconhecendo como um desafio ter que se expor ao assumir o papel de palhaço.

> *Sempre fiquei curioso, mas meio receoso, porque eu sou um cara um pouco mais tímido em algumas situações... Outras vezes, sou bem extrovertido... Então, eu não sabia como lidar, né? Como que é ser palhaço... assim... se expor e estar tão exposto para todo mundo... para tudo. Fiquei bem receoso. C2*

> *[...] mas eu sempre falei: "ah, eu não sou extrovertida, eu não sou engraçada"... Eu nunca fui, sabe? [...] Confesso que eu sentia muita dificuldade, por que eu não consigo me soltar... eu tenho muita dificuldade. C14*

Participar de uma oficina experimental como primeiro contato com o projeto também parece ter contribuído para que alguns dos entrevistados decidissem por aderir.

> *Então, nós tivemos uma oficina experimental e, a partir daquela oficina, o pessoal que quis participar, participou. Foi assim que aconteceu. Eu gostei da oficina, da proposta e foi assim... Falei sim. C4*

Entendendo o palhaço como uma possibilidade, independentemente da personalidade da pessoa

Após superada a barreira do medo e do receio de se expor, os participantes reconhecem a figura do palhaço como uma possibilidade de ser, independentemente do perfil de sua personalidade. Essa experiência favorece o autoconhecimento e o desenvolvimento da autoconfiança.

> *[...] eu nunca fui o palhaço engraçado... Eu tinha as minhas limitações, eu era muito mais o "Branco" [figura de palhaço mais sério] do que o outro... De ser mais dinâmica de piada, de fazer graça..., essas coisas, né? C7*

> *[...] e tem lugar para todos, né? Isso que eu gostei, você não tem que ter o perfil "x"... sei lá, do Didi Mocó, para ser considerado um palhaço. Você não tem que ser o Chaves... Você não tem que ser... sei lá, o*

> *Mister Bean. Você pode ser você e daí?...Aí, eu adoro falar palhaço [...]. C8*

Descobrindo uma maneira diferente de exercer a profissão

Tornar-se palhaço permitiu ao entrevistado vislumbrar, enquanto estudante, possibilidades de atuação no futuro, que vão muito além do que ele esperava para a profissão, com ênfase para uma abordagem mais humana na assistência ao paciente. Constituiu-se em uma oportunidade genuína de se perceber como profissional, conforme a sua perspectiva de vida a partir desta nova vivência que o projeto lhe propiciou.

> *E eu sempre achei que tinha mais por trás do cuidado com o paciente, que só saber a parte técnica. E os primeiros dois anos da faculdade, eu lutei muito para não sair [do curso]. Porque eu ficava assim: "gente, não é o que eu quero fazer... não me encontro com essas pessoas... Não dá". E aí, surgiu o palhaço. [...] Existe campo para pessoas que pensam de maneira diferente e aí, eu comecei a me identificar um pouco mais e me achei assim: "ah, eu posso ser eu e ser médico". E aí, foi quando eu vi que dava para fazer medicina de outra maneira, sabe? C8*

Sendo o projeto uma válvula de escape para o estresse vivido durante a graduação

O projeto também representou um momento de alívio e relaxamento para o entrevistado, enquanto aluno, frente às demandas acadêmicas do curso de graduação e seus inúmeros desafios.

> *Era um momento que já estava no fim [do curso]... já estava aquela tensão. Eu acho que é um momento que eu tinha para me soltar, para relaxar um pouco da pressão que estava na época... de fazer estágio, TCC... Enfim... C5*

> *Quando eu estava nos "Narizes de Plantão", eu acho que era nossa fuga... de todo mundo que participava, né? [...] Podia ser um dia super cansativo, mas aí, no fim do dia, a gente falava assim: "Puts, hoje tem oficina, hoje é um dia que a gente consegue se soltar e relaxar, curtir e aproveitar".C11*

> *O projeto, acho que foi uma válvula de escape, talvez para mim... assim, por um período da faculdade... porque diante de um monte de estresse que a gente sabe que tem durante a graduação... assim... eu lembro que, ir para a sala branca [local em que as oficinas do projeto eram realizadas], era o meu momento de descontrair, sabe? C13*

E, apesar de todas as atividades acadêmicas para serem cumpridas na graduação, os participantes do projeto empenhavam-se em continuar a participar, mesmo diante das dificuldades enfrentadas, reconhecendo aquele momento como algo prazeroso.

> *[...] não me arrependo um segundo. Eu ia virado de plantão para as oficinas [de palhaço] ... Melhor coisa do mundo. C2*

> *[...] apesar do sofrimento... que tinha uma questão muito de, além de eu trabalhar e fazer os estágios obrigatórios da faculdade, então eu tinha um turno duplo. E ainda tinham as oficinas, né? Às vezes, eu ia duas vezes no Ipiranga [onde aconteciam as oficinas de palhaço] no mesmo dia, que era sofrível... Eu moro em Taboão da Serra... dá uma hora e meia. C7*

Discussão

Os resultados revelaram as percepções dos profissionais de saúde acerca da participação no projeto "Narizes de Plantão" enquanto graduandos e salientaram como o projeto contribuiu para um olhar diferenciado sobre humanização do profissional de saúde, assim como desenvolvimento de habilidades socioemocionais e descobrimento do próprio estudante.

Destaca-se que a **motivação dos participantes para o primeiro contato com a arte do palhaço** deu-se por meio de conversas com outros alunos que já participavam do projeto. Sentimentos de curiosidade e medo em relação ao projeto e ao processo de descoberta do palhaço, até então desconhecido para novos participantes emergiram a partir deste contato.

Tal motivação também é descrita em dois estudos realizados com acadêmicos e ex-acadêmicos do curso de medicina da Universidade Federal de Goiás, que cursaram a disciplina de Núcleo Livre, denominada “Pronto Sorriso”, que aborda a arte do palhaço. Em ambos, tornou-se evidente a influência de alunos que já haviam cursado a disciplina para que novos estudantes se interessassem em cursá-la também.[10,11]

Ressalta-se que, no caso do projeto "Narizes de Plantão”, apesar das conversas com ex-alunos sobre como era sua participação nesta atividade, os entrevistados pareciam **não conseguir entender claramente o que realmente acontecia nas oficinas realizadas no projeto antes de participar dele.**

O processo de formação do palhaço é puramente prático e vivencial, tornando-se difícil descrevê-lo para outras pessoas que não o experienciaram. A arte gera um espaço de compreensão dos fenômenos que abrangem uma série de condições, indo além do raciocínio linear e lógico dos fatos.[12]

Outro **motivo que levou os profissionais a participarem do projeto "Narizes de Plantão", durante a graduação**, foi o fato de identificarem a atuação do coordenador do projeto, que também era docente na instituição, como diferenciada na condução das aulas, despertando o interesse dos alunos para participar do projeto.

O contato com a arte do palhaço na graduação permitiu **ao profissional que fez parte do projeto vislumbrar uma maneira diferente de exercer a profissão enquanto estudante,** com ênfase para uma abordagem mais humana na assistência ao paciente. Constituiu-se, portanto, uma oportunidade genuína para os estudantes se perceberem como profissionais a partir da nova vivência de autoconhecimento que o projeto lhes propiciou.

A descoberta de uma maneira diferente de exercer a profissão na perspectiva do processo interpretativo, segundo Blumer, revela que o sujeito primeiramente exibe a si mesmo as coisas que têm sentido, num processo interno de comunicação e interpretação consigo mesmo.[13]

Após a etapa de autoconhecimento, o indivíduo interpreta e atribui significados à interação, fazendo a seleção, a checagem, o reagrupamento e a transformação desses

significados, possibilitando a concepção de uma outra forma de atuar como profissional.[13]

Este fato corrobora a pesquisa realizada com estudantes da disciplina de Núcleo Livre “Pronto Sorriso”, já citada, que destacou a influência da arte do palhaço no processo de humanização do profissional em formação. Nesse contexto, o acadêmico reelabora a própria maneira de avaliar sua postura médica em relação ao paciente, conseguindo percebê-lo além da sua doença.[10]

Outro estudo, também realizado junto a um projeto acadêmico de extensão na área da saúde, denominado “Boa noite, bom dia HUAP!” e desenvolvido junto à Universidade Federal Fluminense, aponta o uso a linguagem do palhaço como uma estratégia importante em termos pedagógicos e práticos na valorização da humanização no contexto acadêmico.[14]

Ainda neste sentido, estudos destacaram que o desenvolvimento de habilidades não técnicas, como a capacidade de escuta, de contato visual, de lidar com falhas, de compreender o outro de forma mais ampla e de compartilhar momentos de dor e sofrimento, é um ponto positivo resultante da participação dos estudantes da área da saúde em projetos universitários que envolvem “palhaços hospitalares”.[1,14]

Estudantes que participaram de projetos relacionados a “palhaços hospitalares” demonstraram maior capacidade de enxergar o mundo pelos “olhos do outro”, aceitando pontos de vista diferentes dos seus e levando a outra pessoa a se sentir compreendida e acolhida.[15]

Além de proporcionar o desenvolvimento de competências profissionais que contribuem para tornar o atendimento mais humanizado, o projeto "Narizes de Plantão" também constituiu-se, para os participantes, em **uma válvula de escape para enfrentar o estresse durante a graduação,** representando um momento de alívio e relaxamento frente às demandas acadêmicas.

Uma pesquisa realizada no Reino Unido, com estudantes de medicina de um programa abrangendo conteúdos relacionados às artes, aponta que os estudantes encontraram um espaço para equilíbrio, reflexão e compreensão em meio às demandas de uma vida profissional intensa. Eles reconheceram, ainda, a contribuição dessa experiência no desenvolvimento de habilidades importantes para fortalecer a prática, levando-os a se comunicarem de maneira mais eficaz e a melhorarem a autoconfiança.[16]

No projeto "Narizes de Plantão", os participantes sentiram-se mais confiantes após superarem o **medo da exposição,** que ocorre durante alguns exercícios realizados nas aulas de palhaço. Segundo a literatura, o transcurso de revelação do palhaço de cada um acarreta a ruptura das “blindagens” que as pessoas fazem uso na vida cotidiana. Os estudantes são colocados em momentos de desconforto, a partir de inúmeros exercícios que confrontam o participante com sua inocência e seu ridículo.[17]

A constatação acima também é descrita em um estudo já citado, com alunos que vivenciaram a arte do palhaço; entretanto, neste caso, os sentimentos de medo e ansiedade surgiram nas primeiras visitas dos acadêmicos como palhaços dentro do ambiente hospitalar e não durante as atividades teóricas desenvolvidas em sala de aulas sobre essa temática.[10]

A literatura aponta que, quanto mais os sentimentos de medo e ansiedade forem trabalhados, no processo de formação do estudante, e quanto mais o estudante tiver oportunidade de ser ele mesmo, mostrando suas fraquezas, seus erros e suas fragilidades, mais "seu palhaço” será forte, conseguindo criar conexões com outras pessoas.[18]

Esse processo desafiador de exposição e revelação do próprio palhaço também abre espaço para o acolhimento e a aceitação, o que possibilitou aos participantes do projeto "Narizes de Plantão" reconhecerem a figura do palhaço **como uma possibilidade para pessoas de todos os tipos de personalidade.**

A possibilidade de “ser” também foi relatada no estudo sobre as contribuições da disciplina “Pronto Sorriso” para a formação do profissional de saúde. Alunos mais tímidos que participaram da disciplina conseguiram superar sua timidez e, consequentemente, desenvolver habilidades de comunicação.[11]

Existe evidência científica de que a música, as artes, a história e a comunicação são saberes que preparam o profissional de saúde para enfrentar as intangibilidades do ser humano e do processo saúde-doença.[19] Os estudantes que ingressam na área da saúde precisam ampliar o seu conhecimento, indo além das questões biológicas e contemplando outros aspectos que envolvem a complexidade do ser humano.[20]

A compreensão da vivência da arte do palhaço para profissionais de saúde durante a graduação levou à reflexão sobre a importância de se implementar estratégias educativas que promovam o autoconhecimento do aluno, sensibilizando-o para as questões relacionadas à humanização do cuidado. A partir dos achados deste

estudo, elaborou-se uma proposta de disciplina optativa abordando sobre a arte do palhaço para graduandos em saúde (Apêndice 1).

Algumas limitações impuseram-se à realização deste estudo, em relação aos participantes do estudo, visto que todos foram membros de um mesmo projeto de extensão sobre a arte do palhaço, retratando uma situação única.

Conhecer a experiência de outros grupos, que tenham compartilhado vivências de palhaços em contextos diferentes, pode ser muito enriquecedor como forma de se obterem mais subsídios que embasem o uso dessas vivências de maneira sistemática na formação acadêmica. Acredita-se que novos estudos sobre a temática permitam delinear outras estratégias educacionais inovadoras e criativas, no sentido de privilegiar a formação mais humanizada de estudantes da área da saúde.

Conclusão

A realização deste estudo permitiu compreender o significado da vivência dos profissionais de saúde na participação em um projeto de extensão sobre a arte do palhaço durante o curso de graduação.

A arte do palhaço revela-se uma estratégia educacional efetiva para o desenvolvimento e o aprimoramento de habilidades socioemocionais no ensino superior de áreas da saúde, possibilitando a desconstrução do modelo mecanicista, dualista e quantitativo de ensino das ciências médicas.

Além disso, a vivência da arte do palhaço contribuiu para o alívio do estresse durante o período acadêmico, possibilitando ao aluno ampliar as perspectivas futuras para a profissão, vislumbrando uma nova forma de atuação na prática. Enquanto estudantes, eles revelaram encontrar mais sentido no ato de cuidar, indo além do tecnicismo. Conseguiram compreender, a partir do contato com arte do palhaço, a importância de escutar, olhar e perceber o paciente de forma integral.

A presente pesquisa traz subsídios que poderão contribuir para o aperfeiçoamento do conhecimento científico acerca do uso da linguagem do palhaço enquanto tecnologia facilitadora das práticas educacionais e de cuidados em saúde.

Agradecimentos

Agradecemos aos profissionais de saúde participantes, que doaram seu tempo para compartilhar suas narrativas.

Colaborações

_____ contribuíram com a redação do artigo, a revisão crítica relevante do conteúdo intelectual, a análise e interpretação dos dados e a aprovação da versão final a ser publicada.

Referências

1. Nogueira-Martins MF, Lima-Costa D, Nogueira-Martins LA, Nogueira-Martins MC. Perceptions of healthcare undergraduate students about a hospital clown training. Creat Educ. 2014;5(8):542-51.

2. Masetti M. Boas misturas: possibilidades de modificações da prática do profissional de saúde a partir do contato com os doutores da alegria [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001. 82 f.

3. Thebas C. O livro do palhaço. São Paulo: Schwarcz; 2005.

4. Cardozo EE, Munari DB. A formação integral dos profissionais de saúde: possibilidades para a humanização da assistência. Ciênc Cuid Saúde. 2005;4(2):163 -70.

5. Takahagui FM, Moraes EN, Beraldi GH, Akamine GK, Basile MA, Scivoletto S. MadAlegria-estudantes de medicina atuando como doutores-palhaços: estratégia útil para humanização do ensino médico? Rev Bras Educ Med. 2014;38(1):120 -6.

6. Saraiva JL. Papel da extensão universitária na formação de estudantes e professores. Brasília Med. 2007;44(3):225 -33.

7. Rolim KM, Campos AC, Cardoso MV, da Silva RM. Sensibilizando os discentes para o cuidado humanizado: vivências do ensino-aprendizagem. Rev RENE. 2004;5(2):79 -85.

8. Nunes EC, da Silva LW, Pires EP. O ensino superior de enfermagem: implicações da formação profissional para o cuidado transpessoal. Rev Lat Am Enfermagem. 2011;19(2):252-60.

9. Louro CR, de Amorim Almeida F. O significado de vivenciar a arte do palhaço durante a graduação para o profissional de saúde [tese]. São Paulo: Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein; 2020. 99 f.

10. Oliveira AS. Palhaço no hospital: percepção da influência do pronto sorriso como instrumento de aprendizagem no ensino da graduação em medicina. [tese]. Goiás: Universidade Federal de Goiás; 2014. 106 f.

11. Paiva ML. Contribuições do Pronto Sorriso na formação do profissional de saúde. [tese]. Goiás: Universidade Federal de Goiás; 2013. 67 f.

12. Masetti M. Soluções de palhaços: transformações na realidade hospitalar. São Paulo: Palas Athena; 1998.

13. Haguette TM. Metodologias qualitativas na sociologia. 12a ed. Petrópolis: Vozes; 2010.

14. Lanzieri PG, Claro LB, de Bragança FC, Montezano VR, da Silva CS. “Boa noite, bom dia HUAP!”, uma experiência de humanização na formação de profissionais da área de saúde. Interface Comun Saúde Educ. 2011;15(36):289-98.

15. da Silva M, Sampaio J, Santos E. O nível de empatia de participantes do projeto de extensão universitária sorriso de plantão e sua contribuição para a formação em saúde. Rev Contexto Saúde. 2019;19(36):79-0.

16. de la Croix A, Rose C, Wildig E, Willson S. Arts-based learning in medical education: the students’ perspective. Med Educ. 2011;45(11):1090-100.

17. Burnier LO. A arte do ator: da técnica à representação. 2a ed. Campinas: Unicamp; 2009.

18. Lecoq J. O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral. São Paulo: Senac; 2010.

19. da Luz PL. Nem só de ciência se faz a cura, o que os pacientes me ensinaram. 2a ed. São Paulo: Atheneu; 2004.

20. Ceccim RB, Feuerwerker LC. Mudança na graduação das profissões de saúde sob o eixo da integralidade. Cad Saude Publica. 2004;20(5):1400-10.

Apêndice 1. Proposta de disciplina optativa abordando sobre a arte do palhaço para graduandos em saúde.

ALBERT EINSTEIN
FACULDADE ISRAELITA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
Reconhecida Portaria Ministerial MEC nº 406/07 D.O.U. de 14/05/07

PLANO DE ENSINO

I – IDENTIFICAÇÃO

Disciplina: Laboratório de humanização baseado no aprendizado pela arte do palhaço
Curso: Graduação em Enfermagem
Obrigatória: Não
Ano letivo: 2020
Série: Semestral
Número de alunos: 16 alunos
Carga horária total: 30 horas

II – EMENTA

Apresenta, discute e pratica estratégias e atividades que estimulam a humanização, criatividade, comunicação, escuta, empatia, vínculo, integração e improviso. Permite avançar de um modelo tradicional teórico de humanização para um padrão mais interativo, aberto, prático e participativo.

III – OBJETIVOS

Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:
- Perceber as mudanças sobre as formas de comunicação e relacionamentos;
- Aprender a se sentir confortável com situações que geralmente causam ansiedade ou medo;
- Aplicar ferramentas artísticas nas atividades da graduação;
- Praticar escuta mais ativa;
- Reconhecer seus pontos positivos e negativos;
- Criar conexões com pessoas;
- Estimular o autoconhecimento contínuo.

IV - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Consciência corporal
- Expressão corporal
- Estudos do movimento

- Linguagem verbal
- Linguagem não verbal
- Improvisação
- Palhaçaria
- Ludicidade
- Encenação
- Discussão da tese “O significado de vivenciar a arte do palhaço durante a graduação para o profissional de saúde”

V - ESTRATÉGIAS DE ENSINO

- Exercícios práticos, técnicos e criativos
- Vídeos
- Discussão em pequenos grupos
- Dinâmicas de grupo
- Aula dialogada
- Jogos e brincadeiras
- Diário escrito

VI - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

1. Participação/contribuição em classe (3 pontos): avalia a participação/contribuição do aluno nas atividades realizadas em classe, demonstrando entendimento teórico e prático de princípios e conceitos.
2. Diário Individual (3 pontos): avalia o processo de aprendizagem do aluno por meio do registro e reflexão sobre o conteúdo abordado, sua aplicação e os resultados obtidos. Cada aluno deverá produzir uma síntese individual dessa reflexão, entregando-a por escrito na aula seguinte.
3. Atividade em Grupo (4 pontos): avalia a habilidade do estudante de trabalhar em grupos e a capacidade para analisar criticamente o próprio desempenho e dos demais membros do grupo/classe.

VII – BIBLIOGRAFIA

Lecoq J, Carasso JG, Jean-Claude l. O Corpo poético: uma pedagogia da criação teatral. Tradução de Marcelo Gomes. São Paulo: Senac: 2010.

Castelliano,T. A comunicação e suas diversas formas de expressão. Rio de Janeiro: Record; 2000.

Pease A, Pease B. Desvendando os segredos da linguagem Corporal. Rio de Janeiro: Sextante; 2005.

Spolin V. A improvisação para o teatro. 5a ed. São Paulo: Perspectiva; 2008.

Silva MJ. Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. São Paulo: Loyola; 2002.

de la Croix A, Rose C, Wildig E, Willson S. Arts-based learning in medical education: the students' perspective. Med Educ. 2011;45(11):1090-1100.

Brett-MacLean P. Use of the arts in medical and health professional education. UAHSJ. 2007;4 (1):26-9.

Willson S. Essay: what can the arts bring to medical training?. Lancet. 2006;368(Suppl):15-6.

Nogueira-Martins MF, Lima-Costa D, Nogueira-Martins LA, Nogueira-Martins MC. Perceptions of healthcare undergraduate students about a hospital clown training. Creat Educ. 2014;5(8):542-51.

Oliveira DC. Formação em palhaço: reflexões sobre metodologias de formação de novos palhaços [dissertação]. Brasília (DF): Universidade de Brasília; 2012. 169 f.

Louro CR, de Amorim Almeida F. O significado de vivenciar a arte do palhaço durante a graduação para o profissional de saúde [tese]. São Paulo: Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein; 2020. 99 f.

VIII - DOCENTE

Docente responsável: Caroline Ribeiro Louro

IX - CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Data	Horário	Assunto	Estratégia
1ª aula	8h às 13h	• Apresentação da disciplina • Apresentação dos alunos • Consciência corporal	- Exposição dialogada - Exercícios práticos, técnicos e criativos - Demonstração/Execução - Jogos e brincadeiras - Discussão
2ª aula	8h às 13h	• Consciência corporal • Expressão corporal • Estudos do movimento	- Exercícios práticos, técnicos e criativos - Demonstração/Execução - Dinâmicas de grupo - Jogos e brincadeiras - Discussão - Diário escrito
3ª aula	8h às 13h	• Linguagem verbal • Linguagem não verbal • Estado de presença •	- Exercícios práticos, técnicos e criativos - Demonstração/Execução - Dinâmicas de grupo - Jogos e brincadeiras - Discussão - Diário escrito
4ª aula	8h às 13h	• Improvisação	- Exercícios práticos, técnicos e criativos - Demonstração/Execução - Dinâmicas de grupo - Jogos e brincadeiras - Discussão - Diário escrito
5ª aula	8h às 13h	• Palhaçaria • Ludicidade •	- Exercícios práticos, técnicos e criativos - Dinâmicas de grupo - Jogos e brincadeiras - Discussão - Diário escrito
6ª aula	8h às 13h	• Encenação • Encerramento •	- Vídeo - Exercícios práticos, técnicos e criativos - Dinâmicas de grupo - Discussão - Diário escrito

ARTIGO 02

A ARTE DO PALHAÇO COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Louro CR, de Amorim Almeida F.

Resumo

Objetivo: Compreender o significado da vivência dos profissionais de saúde em participar de um projeto de extensão sobre a arte do palhaço durante o curso de graduação e sua influência na trajetória profissional.

Métodos: Estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizado com 19 profissionais de saúde que participaram do projeto de extensão denominado “Narizes de Plantão” durante a graduação. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas audiovideogravadas e analisados a partir da Análise Qualitativa do Conteúdo, utilizando-se o Interacionismo Simbólico como referencial teórico.

Resultados: Os relatos dos profissionais entrevistados sinalizam que a vivência da arte do palhaço influenciou positivamente em sua trajetória profissional, evidenciando-se seis categorias de significados: “Utilizando o que aprendeu no projeto para criar vínculo com o paciente”, “Mantendo o foco e a atenção ao interagir com o outro”, “Permitindo-se errar”, “Tornando o ambiente de trabalho mais leve através do humor”, “Percebendo-se um profissional diferenciado”, “Sendo reconhecido pela maneira diferenciada de atuar”.

Conclusão: O conhecimento adquirido sobre a linguagem do palhaço continuou reverberando na trajetória dos profissionais de saúde que vivenciaram esta experiência acadêmica, reconhecendo esta iniciativa como promotora de maior empatia, humanização e leveza para o ambiente de trabalho e para as práticas assistencias.

Descritores: Educação Superior; Pessoal de Saúde; Terapia do Riso; Jogos e brinquedos; Humanização da Assistência.

Introdução

O desenvolvimento de relacionamentos interpessoais e a humanização estão ganhando, cada vez mais, importância na área da educação voltada ao campo da saúde.[1]

Os estudantes que ingressam na área da saúde precisam ter seu conhecimento amplificado, para que não visualizem a saúde apenas como um setor da biologia e sim envolvendo a complexidade do ser humano.[2]

O ato de cuidar vai além do tecnicismo e da segregação, envolve a preocupação com o indivíduo como atitude essencial na relação profissional de saúde-paciente. Se o cuidar é efetuado apenas como uma atividade técnica, sem entregar-se de maneira sincera, leal, com mente, coração e espírito naquele ato, o profissional não estará realizando o cuidado, mas simplesmente um procedimento qualquer.[3]

Algumas universidades da área da saúde vislumbram, na linguagem do palhaço, uma forma de proporcionar, para o estudante, o desenvolvimento de habilidades não técnicas (habilidades socioemocionais), que muitas vezes são subestimadas no ensino tradicional de saúde.[4-7]

O compromisso do palhaço tem a ver com a entrega às relações humanas, o mais sublime estado de vivência.[8] O palhaço não é um ator que interpreta um personagem, ele é o potencial mais acentuado do seu interior, do seu corpo e da sua alma.[9]

Muito se fala sobre os efeitos que os palhaços causam em adultos, crianças e acompanhantes de pessoas hospitalizadas. A presença de “palhaços hospitalares” é capaz de construir vínculos,[10] diminuir a dor e a ansiedade, em pacientes pediátricos,[11] e melhorar o bem-estar, através de emoções positivas, em adultos e idosos.[12]

Alguns estudos mostram a importância da vivência da arte do palhaço para os alunos, relatando influências em atividades diárias e melhoria de relacionamento com familiares, amigos e pacientes.[4,5,6,7] Porém, trabalhos relacionados aos benefícios do palhaço, a longo prazo, para quem estudou e praticou este tipo de arte na graduação, ainda são escassos.

Um estudo norte-americano, realizado com 40 enfermeiros que tiveram contato com a arte do palhaço durante a graduação, revelou a aplicação de conteúdos

aprendidos nas oficinas em suas práticas profissionais, independentemente da área de atuação em enfermagem.[13]

Desta forma, o presente estudo teve como objetivo compreender o significado da vivência dos profissionais de saúde ao participar de um projeto de extensão sobre a arte do palhaço durante o curso de graduação e sua influência na trajetória profissional.

Este artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado que aborda a vivência do profissional de saúde na arte do palhaço, durante a graduação e suas repercussões na vida acadêmica, profissional e pessoal.[14]

Métodos

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa e interpretativa, realizado com 19 profissionais de saúde que participaram do projeto de extensão denominado “Narizes de Plantão” durante a graduação ou funcionários da instituição onde o projeto é realizado. O projeto é realizado em uma universidade privada do estado de São Paulo e enfoca a abordagem da arte do palhaço na formação de estudantes de saúde, com o objetivo de modificar o ambiente hospitalar por meio de alterações na percepção do estudante e do paciente sobre as relações humanas. O perfil dos participantes do estudo é apresentado no Quadro 1.

Quadro 1. Perfil dos participantes da pesquisa

Participantes	Idade (anos)	Sexo	Profissão	Ano de graduação	Tempo de participação no projeto “Narizes de Plantão”	Participação atual em projetos relacionados à arte do palhaço:
C1	27	Feminino	Fisioterapeuta	2013	18 meses	Sim
C2	30	Masculino	Médico	2016	24 meses	Não
C3	26	Masculino	Fisioterapeuta	2014	12 meses	Sim
C4	29	Feminino	Médica	2014	24 meses	Não
C5	26	Feminino	Biomédica	2013	12 meses	Não
C6	27	Feminino	Nutricionista	2015	42 meses	Não
C7	30	Feminino	Terapeuta Ocupacional	2013	24 meses	Não
C8	33	Masculino	Médico	2017	42 meses	Não

C9	25	Feminino	Nutricionista	2015	36 meses	Não
C10	25	Feminino	Nutricionista	2015	42 meses	Não
C11	25	Feminino	Biomédica	2017	60 meses	Não
C12	54	Feminino	Docente de enfermagem	1989	18 meses	Não
C13	23	Feminino	Biomédica	2018	12 meses	Não
C14	31	Feminino	Médica	2019	12 meses	Não
C15	29	Feminino	Nutricionista	2013	6 meses	Não
C16	28	Masculino	Médico	2018	12 meses	Não
C17	28	Feminino	Biomédica	2014	18 meses	Não
C18	27	Feminino	Médica	2017	36 meses	Não
C19	28	Feminino	Biomédica	2014	36 meses	Não

Como critérios de inclusão na pesquisa, os participantes deveriam ter feito pelo menos uma visita em hospital como “palhaço hospitalar” do projeto e estar atuando, no momento da coleta dos dados, como profissionais da área da saúde. Os dados para acesso aos participantes foram disponibilizados pelo coordenador geral do projeto de extensão “Narizes de Plantão”, mediante termo de autorização e compromisso para uso de informações.

A coleta de dados realizou-se por meio de entrevistas semiestruturadas e audiovideogravadas, via internet, entre abril e agosto de 2019. Utilizou-se um roteiro contendo dados pessoais dos entrevistados e três perguntas norteadoras: “Como foi para você participar do projeto ‘Narizes de Plantão’ durante o curso de graduação?”; “O que motivou você a participar do projeto ‘Narizes de Plantão’?”; “Conte-me uma experiência em que você utiliza na prática as técnicas apreendidas durante o projeto ‘Narizes de Plantão’”.

As entrevistas foram transcritas integralmente, utilizando-se a Análise Qualitativa de Conteúdo, como referencial metodológico, e o Interacionismo Simbólico, como referencial teórico. Os dados foram codificados e categorizados, frase por frase, por meio da leitura exaustiva. Os códigos semelhantes foram reunidos e nomeados por títulos, originando as categorias e as subcategorias.

A pesquisa seguiu a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição (número do parecer 3.182.231). Os partícipes foram informados da natureza do estudo e

formalizaram seu consentimento, sendo assegurados a confidencialidade dos dados e o anonimato. Não houve recusa de participação.

Resultados

Os relatos dos profissionais destacam a influência das experiências vividas por eles no projeto em sua trajetória profissional, sendo delineadas seis categorias, apresentadas a seguir.

Utilizando o que aprendeu no projeto para criar vínculo com o paciente

As experiências junto ao Projeto “Narizes de Plantão” possibilitaram aos participantes da pesquisa, desenvolver habilidades socioemocionais importantes para estabelecer vínculo com o paciente.

Uma dessas habilidades é a capacidade de realizar uma escuta mais ativa, de maneira empática, como forma de entender melhor o paciente, possibilitando uma análise mais efetiva da situação. Destaca-se, inclusive, a iniciativa de alguns profissionais em planejar um momento de escuta durante o atendimento na sua prática profissional atual.

> *[...] é realmente escutar o que o paciente está falando [...] de entender a diferença que isso faz... Ou do paciente estar falando alguma coisa que não tem nada a ver com o seu trabalho, mas você está ali... Está escutando, sabe? E aí, vem do palhaço também [...] de escutar, de dar atenção. C6*

> *Eu posso dizer que isso [a escuta] foi refinada, talvez com o palhaço... de ouvir, de acolher [...] Porque, uma coisa é você só ouvir, mas com que disponibilidade que você ouve e se você consegue ou não dar um direcionamento para aquilo? C7*

> *[...] eu passei a ouvir melhor, sabe? [...] Eu tento sempre fazer aquele esquema de dar pelo menos uns dois minutos para a pessoa falar tudo o que ela quer. [...] quando você ouve sem tentar pensar, [...] você consegue entender o que ela está falando, para depois você pontuar as*

> *coisas com ela. E isso veio dos Narizes... veio desse processo de escutar, sabe? Fez muita diferença. C14*

Outra habilidade considerada importante pelos profissionais é a capacidade de "olhar nos olhos", favorecendo o estabelecimento de um vínculo diferenciado com o paciente ao estar disponível por inteiro na interação. Enfatizam, ainda, que isso deve acontecer também com qualquer pessoa, inclusive os colegas de equipe.

> *[...] de olhar no olho, [...] a nossa rotina é muito rápida...Você tem 20, 25 pacientes para atender, então, tudo é muito corrido. Mas de conseguir ter esse tempo de olhar no olho do paciente... de entender a diferença que isso faz [...]. C6*

> *[...] a troca de olhares... você olhar a pessoa no olho. Isso não é só nem com o paciente... isso é com todo mundo, sabe? [...] você percebe quando a pessoa está rejeitando alguma coisa quando você consegue olhar no olho da pessoa [...]. C14*

Os discursos permitiram identificar, também, a importância de se exercer a empatia, colocando-se no lugar do outro, evidenciando a contribuição do projeto para o desenvolvimento desta habilidade tão necessária à prática profissional.

> *[...] então, eu procuro sentir... me colocar no lugar dos outros, para tentar dar o que eles precisam... O Narizes [projeto "Narizes de Plantão"]... meio que fez isso comigo. C9*

> *[...] o contato com o hospital [durante o projeto] me fez enxergar que o outro tem muitas outras necessidades, sabe? [...]. É uma necessidade que não é física, [...] eu acho que isso me fez enxergar também, dentro do trabalho, os sentimentos do outro. Então, acho que consegui também, nesse sentido, absorver mais, entender, me colocar no lugar da pessoa. C15*

A descoberta de novas estratégias para se comunicar com o paciente foi citada nas entrevistas, com destaque para o relato de vivências envolvendo criatividade e ludicidade, inspiradas pelo projeto “Narizes de Plantão”.

> *[...] eu comecei a bater [sons de batida na mesa, imitando o que ocorreu na sessão de fisioterapia com a paciente] em um bosu [...] e ela olhou para mim e disse “O que é essa maluquice? O que está acontecendo aqui?” E aí, ela começou a bater com o pé e começou a cantar e eu comecei a fazer os gritos [...] e ela batendo o pé e foi se empolgando. Quando eu vi, ela estava pulando e dando risada e eu dando risada... Acabou a sessão, a gente ficou se olhando e perguntei “Como que está o pé?” Ela respondeu: “Está ótimo! Maravilha! Eu não sabia que eu conseguia fazer essas coisas” [...] E eu nunca teria feito isso só com a minha formação de fisioterapeuta... Jamais. C3*

> *[...] teve um quarto que eu entrei, que era um senhor e ele começou a falar que eu era uma agente secreta e que ele já tinha descoberto o meu plano, que eu não ia encostar nele [...] E eu ficava assim: “Meu, como assim, né?” É... porque não? “Se o senhor está falando, é porque realmente descobriu. Eu sou uma agente secreta...estou aqui para coletar informações, mas como o senhor descobriu que eu sou uma agente secreta?” E ele: “É, estou vendo esse radinho [bipe] que você carrega... você acha que eu não sei que você está filmando tudo? [...]”. Eu disse: “O senhor é muito esperto. Vamos fazer assim, o senhor vai entrar e eu vou fazer um teste. Se o senhor passar, será agente secreto também”. E aí, ele deixou coletar as medidas, fazer as coisas e no final, ele perguntou: “Eu passei no teste?”. “Passou, agora o senhor também é um agente secreto”. C6*

> *[...] eu virei para ela [paciente] e falei assim “olha, você chegou com dez minutos de atraso, então a gente só tem cinco minutos de consulta. Eu te atendo se você chegar no consultório antes do que eu”, ela olhou para minha cara, assim... “como assim?” Eu falei “um, dois, três e já... e saí correndo, eu e a paciente, e ela ganhou, claro. [...] foi super divertido. A recepção toda gargalhou. C8.*

A busca pela singularidade de cada paciente, na tentativa de individualizar o atendimento e, consequentemente, criar vínculo com o outro, também foi relatada pelos profissionais. Estar sempre atento à interação com o paciente, atuando no sentido de ir ao de encontro à necessidade do outro foram habilidades desenvolvidas a partir das experiências junto ao projeto.

> *[...] toda vez que a gente está em um jogo com o palhaço, aquele jogo é para aquela pessoa. [...] alguma coisa que faça aquilo ser muito individual [...] e eu busco fazer isso na minha terapia também. Toda terapia que eu faço, ela é muito voltada para aquela pessoa que estou atendendo. C1*

> *[...] e tem uma criança, também, que ela não queria entrar na ressonância [...] aí, eu sentei com ela e falei assim: "vamos fazer uma playlist? Que música você quer? Que ordem você quer escutar a música dentro da sua sala durante seu exame?" [...] eu ficava lá pesquisando as músicas dela, de acordo com o que ela tinha montado em um papel [...] E ela conseguiu finalizar o exame bonitinha... E ficou super feliz que tinha tocado todas as músicas que ela queria. C11*

> *É engraçado porque não é um discurso pronto, [...] que não têm uma conexão. [...] eu enxergo no outro, a possibilidade de mudar o discurso de acordo com a necessidade que o outro me apresenta, né? Então, essa cortesia do palhaço de "ok, qual é a brincadeira, o que você precisa?" e aí, vai. C12*

Mantendo o foco e a atenção ao interagir com o outro

Manter o foco e a atenção no momento da interação com o outro é mais um aspecto considerado importante para fortalecer o vínculo, enfatizado pelos entrevistados. A partir das vivências com o palhaço, os profissionais percebem a necessidade de se dedicar por inteiro ao outro, sem realizar atividades paralelas ao interagir com o paciente, por exemplo.

> *Eu fiquei pensando, se ela [estagiária de enfermagem] tivesse sido treinada nos "Narizes". Ela veria que um fato que você observa, vê, ouve ou sente, você não pode desconsiderar. Você tem que parar tudo e começar: "então tá...então, como que a gente vai se comunicar, né?". Mas ela não... Ligou o automático e continuou falando como se a pessoa soubesse o idioma dela, sem nenhum problema, com a mesma velocidade de sempre.C12*

> *[...] mas pegar esses segundinhos, assim... dois minutos a mais, sabe? Olhando de fato, prestando atenção, não digitando, mão fora do teclado... "Não, me fala, o que está acontecendo com você? Porque que você está aqui?" [referindo-se a um diálogo com o paciente]. C2*

Permitindo-se errar

Participar do projeto "Narizes de Plantão" contribuiu para que o profissional pudesse lidar com o medo de errar, desmistificando-o e entendendo o erro como algo natural. E, dentro da perspectiva do palhaço, perceber o erro de uma outra maneira, permitindo-se aceitá-lo e transmutá-lo com resiliência e liberdade.

> *Acho que um dos meus maiores medos, era o medo de errar. Isso me travava na questão médica [...] mas dentro do palhaço, errar era a minha meta. [...] isso, para mim, foi muito libertador, no sentido de ser natural... E que o erro vai acontecer... e você aproveita ele e segue... segue a vida. Eu acho que isso foi o que mais me acrescentou na questão profissional. C4*

> *[...] eu acho que o fato de você lidar com o negativo, né... com o fato de você... ou você errar ou você não saber o que você está enxergando ali, é uma coisa que eu aprendi nos Narizes [...] às vezes, você não sabe lidar e está tudo bem, sabe? Tudo bem você não saber lidar... tudo bem você não saber entender o que está acontecendo. C5*

> *Eu acho que eu criei um pouco esse mecanismo de não ficar arrastando essa corrente do que deu errado. Acho que o palhaço ajuda um tanto nisso, né? Porque vai dar errado, não vai dar certo... várias vezes vai*

> *dar m... mas é isso... é o que tem e dá risada... caiu, levanta e estamos aí. C7*

Tornando o ambiente de trabalho mais leve por meio do humor

Usar o humor no ambiente de trabalho com o objetivo de torná-lo mais relaxado e descontraído foi apontado pelos entrevistados como algo introjetado a partir das vivências com o palhaço. Significa empregar a criatividade, "brincar com os detalhes" frente a uma situação do cotidiano profissional, tanto em relação ao paciente quanto à equipe de trabalho.

> *[...] eu via a sala de espera como o meu maior palco. Então, sempre que eu abria a porta, o pessoal sabia que eu ia fazer alguma coisa e aí, eu sempre dava um jeito de [...] fazer uma brincadeirinha pequena, mas que deixasse o pessoal que estava esperando mais tranquilo, do que ficar nervoso com o que vai acontecer... eu ia relaxando o pessoal do lado de fora. C8*

> *[...] eu criei uns jogos com os funcionários [...] um ambiente descontraído, né? Porque, às vezes, o pessoal está muito sério ou espera que eu vá falar alguma coisa séria, por exemplo, quando [o funcionário] está dentro da sala [de ressonância magnética] e as pessoas se surpreendem [com o jogo] e começam a rir pra caramba. C11*

Percebendo-se como um profissional diferenciado

O fato de ter participado do projeto "Narizes de Plantão" é percebido pelos profissionais entrevistados como um diferencial na sua formação, refletindo na maneira como atende seus pacientes e interage com eles em comparação com a abordagem de outros colegas de profissão.

> *Às vezes, o paciente ansioso, [...] falando que a pressão está alta... de conversar com ele, cinco... dez minutos, ele acalma... a pressão baixa.*

> *Você fala: "Quer tomar um remédio?" E o paciente diz: "Não. Estou tranquilo... Já passou, doutor. Obrigado". C2*

> *[...] a linguagem do palhaço... ela fica. Então, a gente acaba atendendo as pessoas de um jeito diferente. A gente escuta mais, tenta entender mais o contexto da pessoa... não se prende em diagnóstico [...]. C3*

> *[...] são coisas que para a gente é muito básico... Mas aí, quando você olha para o profissional do lado, às vezes, ele não está fazendo. Aí, isso me fez pensar o que na minha formação foi diferente na formação da outra pessoa. E aí, eu sempre caio nessa questão do palhaço mesmo que eu falo: "nossa, ainda bem". C6*

Sendo reconhecido pela maneira diferenciada de atuar

Para os entrevistados, a maneira diferenciada de atender seus pacientes é percebida e reconhecida por eles, bem como por seus chefes e/ou supervisores. As intervenções que diferenciam esse atendimento são, por vezes, muito simples, motivadas pelo conhecimento adquirido no projeto "Narizes de Plantão". Não raro, esses profissionais passam a ser requisitados pelos colegas para atuarem nas situações em que há maior dificuldade para interagir com o paciente.

> *[...] no fim das contas, a gente se destaca por isso, que é algo tão simples, mas que é muito bem visto pelo paciente... pelo seu chefe: "Olha, ele acolhe bem o paciente" [imitando um chefe falando]. Aí, chega aquele avozinho, que é chato... ninguém quer atender porque reclama da vida... e o cara sai e volta trazendo marmita, assim... sabe? ...Para agradecer... É bem gostoso. C2*

> *[...] eu lembro de um feedback da minha supervisora na residência, logo no final, que ela falou: "você é muito boa de acolhimento... você dá para os pacientes muito além do que eles vêm buscar" [...]. C7*

> *[...] eles [os chefes] até falam assim: "ah, esse paciente é difícil... Vai lá C18 ou vai lá... para essa minha colega [que também participou dos*

Narizes]", porque já sabe que a gente tem mais ferramentas do que alguns, né? ...Mais malemolência [...]. C18

Discussão

Os profissionais que participaram do projeto na presente pesquisa destacaram o uso de "ferramentas" aprendidas com a arte do palhaço por longo tempo em sua vida profissional, evidenciado nos discursos sobre **"o impacto do projeto 'Narizes de Plantão' na sua trajetória profissional"**.

Cada vez mais exige-se do profissional de saúde um atendimento com qualidade e eficiência, além de habilidades que o possibilitem abordar mais efetivamente o lado afetivo e emocional dos pacientes.[15] Tais habilidades foram citadas também pelos participantes do presente estudo, segundo a categoria **"utilizando o que aprendeu no projeto para criar vínculo com o paciente".**

Neste contexto, o desenvolvimento da aptidão emocional ocorreu no que se refere à capacidade de: realizar uma escuta mais ativa e de "olhar nos olhos" do paciente, estando totalmente disponível na interação; usar a empatia ao se colocar no lugar do outro; descobrir novas estratégias para aprimorar a comunicação, envolvendo criatividade e ludicidade; e buscar a singularidade de cada paciente, como forma de individualizar o atendimento.

Segundo a literatura, as relações interpessoais com o paciente foram favorecidas também, segundo os profissionais de saúde que tiveram contato com as vivências do palhaço durante a graduação. Eles ainda destacaram a melhora na comunicação e na escuta, além de maior sensibilização para a humanização da assistência.[16]

A questão do vínculo também é contemplada na Política Nacional de Atenção Básica, segundo a qual o elo criado entre o profissional de saúde e o paciente fundamenta-se na construção de relações de confiança e afetividade, possibilitando aprofundar o processo de corresponsabilização pela saúde, construído ao longo do tempo. Além disso, carrega, em si, um potencial terapêutico.[17]

A empatia e o vínculo devem ser utilizados como instrumentos para o favorecimento de uma abordagem psicossocial e, para o surgimento do vínculo, o paciente precisa ser reconhecido como o protagonista do processo e como um ser que possui anseios, comunica-se e raciocina.[18]

A percepção do paciente de forma integral pelo profissional que participou do projeto “Narizes de Plantão” evidenciou-se na categoria “**mantendo o foco e a atenção ao interagir com o outro”,** como mais uma estratégia importante para fortalecer o vínculo com o outro.

Segundo a ciência, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais é necessário para o estabelecimento de vínculo com o paciente, comunicando-se com a essência da humanização. Esta, por sua vez, está ligada à qualidade das relações que os profissionais desenvolvem no tratamento de pessoas que procuram os serviços de saúde.[19]

Traçando um paralelo com a visão do Interacionismo Simbólico, as relações com outras pessoas ou com objetos são construídas e constituídas de ações humanas. Essas ações têm origem nas decisões tomadas pelos indivíduos, que resultam da forma como a pessoa define e enxerga determinada situação.[20]

Relacionando o conceito interacionista à vivência da arte do palhaço pelos profissionais que participaram do projeto “Narizes de Plantão”, percebe-se que eles se sensibilizaram com a descoberta do seu próprio palhaço (relação intrapessoal) e com as interações com os outros participantes, desencadeando em uma mudança de atitude em relação aos pacientes, ao ambiente de trabalho e à vida pessoal. Ressalta-se, ainda, que o fato de conseguir **lidar com o medo de errar** também contribuiu para esta mudança, na medida em que tornou possível desmistificar o erro e entendê-lo como algo natural, aceitando-o e transmutando-o com resiliência e liberdade.

O cometimento de erros na área da saúde pode comprometer a vida de pacientes e clientes, estando constantemente associado a sentimentos de medo, descrédito, culpa e repreensões, devido à cultura corretiva fortemente presente nos serviços de saúde.[21]

No estudo sobre a arte do palhaço, contudo, o erro faz parte da essência da palhaçaria. No ato falho ou errado realizado pelo palhaço não há culpados, não se está enfurecendo ninguém,[22] ressignificando, dessa forma, o fato de errar.

Uma das “ferramentas” utilizadas pela arte do palhaço para transmutação do erro e das situações vivenciadas no ambiente hospitalar é a subversão. O significado de subversão, segundo o dicionário Houaiss, é a “transformação da ordem estabelecida; ação ou efeito de perturbar o desenvolvimento normal de alguma coisa”.[23] Ou seja, consiste em transformar aquilo que é considerado lógico e “normal” socialmente, a partir da ótica do palhaço, por meio de refinadas habilidades de

improviso e adaptação a esses novos cenários, de acordo com necessidades e respostas de cada situação apresentada.

Dentro da perspectiva da subversão, os discursos dos profissionais de saúde que participaram no projeto “Narizes de Plantão” revelaram que **o ambiente de trabalho transforma-se em um local mais leve por meio do humor,** descontruindo a lógica hospitalar.

Corroborando o achado do presente estudo, em relação ao humor, verifica-se que o riso desmascara a linguagem cotidiana, desfazendo ideias cristalizadas e expondo, de forma improvisada e criativa, a potência do encontro humanizado como força capaz de transformar a vida.[10]

Uma pesquisa mostrou que o ser humano doente, torna-se vulnerável e que as reações diante da doença podem envolver diversos sentimentos de baixa frequência.[24] A arte do palhaço transporta a possibilidade de transformação desses sentimentos por meio do riso e do bom humor.

Diante da constatação das habilidades socioemocionais aprendidas durante o tempo que passaram no projeto “Narizes de Plantão”, os profissionais de saúde **percebem-se como diferenciados, sendo reconhecido pelo trabalho diferenciado** pelos outros profissionais que não tiveram essa vivência.

Resultados similares são encontrados na literatura, revelando o diferencial que o contato com a arte do palhaço durante a formação acadêmica proporciona ao indivíduo como estudante e profissional.[16]

No que se refere à importância das habilidades socioemocionais para o perfil do profissional de saúde, a Política Nacional de Humanização afirma que o cuidado em saúde não se constitui somente no desenvolvimento de procedimentos técnicos, diagnósticos, financeiros ou de infraestrutura. Considera, também, o encontro e as relações que se firmam entre os indivíduos, promovendo uma mudança de cultura no atendimento de saúde.[25]

A compreensão da vivência da arte do palhaço para profissionais de saúde durante a graduação levou à reflexão sobre a importância de se implementar estratégias educativas que promovam o autoconhecimento do aluno, sensibilizando-o para as questões relacionadas à humanização do cuidado e formando assim profissionais mais empáticos.

Algumas limitações impuseram-se à realização deste estudo em relação aos participantes do estudo, visto que todos foram membros de um mesmo projeto de

extensão sobre a arte do palhaço, retratando uma situação única. Outra limitação é a escassez de pesquisas sobre a arte do palhaço e seus reflexos para o profissional de saúde desde sua formação acadêmica como graduando.

Conhecer a experiência de outros grupos que tenham compartilhado vivências de palhaços em contextos diferentes pode ser muito enriquecedor como forma de se obter mais subsídios que embasem o uso dessas vivências de maneira sistemática na formação acadêmica. Acredita-se que novos estudos sobre a temática permitam delinear estratégias educacionais inovadoras e criativas, no sentido de privilegiar a formação mais humanizada de profissionais na área da saúde.

Conclusão

Neste estudo, aprofundou-se a compreensão da percepção do profissional de saúde acerca do conhecimento adquirido sobre a linguagem do palhaço durante o período acadêmico, mostrando que o aprendizado sobre a arte do palhaço continuou reverberando em sua trajetória profissional. O profissional reconhece essa iniciativa como promotora de maior empatia, humanização e leveza para o ambiente de trabalho e para as práticas assistencias.

A realização deste estudo ressalta a importância de se incorporar projetos de extensão ou disciplinas optativas relacionadas à temática da linguagem do palhaço no ambiente acadêmico, especialmente para os cursos da área da saúde, com vistas ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais e de profissionais de saúde mais humanizados.

Agradecimentos

Agradecemos aos profissionais de saúde participantes, que doaram seu tempo para compartilhar suas narrativas.

Colaborações

_____ contribuíram com a redação do artigo, a revisão crítica relevante do conteúdo intelectual, a análise e interpretação dos dados, e a aprovação da versão final a ser publicada.

Referências

1. Cardozo EE, Munari DB. A formação integral dos profissionais de saúde: possibilidades para a humanização da assistência. Ciênc Cuid Saúde. 2005;4(2):163-70.

2. Ceccim RB, Feuerwerker LC. Mudança na graduação das profissões de saúde sob o eixo da integralidade. Cad Saude Publica. 2004;20(5):1400-10.

3. Neves EP. As dimensões do cuidar em enfermagem: concepções teórico-filosóficas. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2002;6(1):79-92.

4. Nogueira-Martins MF, Lima-Costa D, Nogueira-Martins LA, Nogueira-Martins MC. Perceptions of healthcare undergraduate students about a hospital clown training. Creat Educ. 2014;5(8):542-51.

5. Takahagui FM, Moraes EN, Beraldi GH, Akamine GK, Basile MA, Scivoletto S. MadAlegria-estudantes de medicina atuando como doutores-palhaços: estratégia útil para humanização do ensino médico? Rev Bras Educ Med. 2014;38(1):120-6.

6. Lanzieri PG, Claro LB, de Bragança FC, Montezano VR, da Silva CS. “Boa noite, bom dia HUAP!”, uma experiência de humanização na formação de profissionais da área de saúde. Interface Comunicacao Saude Educ. 2011;15(36):289-98.

7. Mota GM, Mota DM, Machado MM, Arrais RH, de Oliveira CP, dos Santos Salgado M, et al. A percepção dos estudantes de graduação sobre a atuação do “doutor palhaço” em um hospital universitário. Rev Bras Promoç Saúde. 2012;25(2):25-32.

8. Masetti M. Doutores da ética da alegria. Interface (Botucatu). 2005;9(17):453-8.

9. Thebas C. O livro do palhaço. São Paulo: Schwarcz; 2005.

10. de Brito CM, da Silveira R, Mendonça DB, Joaquim RH. O humor e o riso na promoção de saúde: uma experiência de inserção do palhaço na estratégia de saúde da família. Ciênc Saúde Colet. 2016;21(2):553-62.

11. Salvetti T, Bec T. Efeitos da intervenção com palhaços nos níveis de dor e ansiedade da criança [trabalho de conclusão de curso]. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; 2015. 51 f.

12. Dionigi A, Canestrari C. Clowning in health care settings: the point of view of adults. Eur J Psychol. 2016;12(3):473-88.

13. Leef BL, Hallas D. The Sensitivity Training Clown Workshop: enhancing therapeutic communication skills in nursing students. Nurs Educ Perspect. 2013;34(4):260-4.

14. Louro CR, de Amorim Almeida F. O significado de vivenciar a arte do palhaço durante a graduação para o profissional de saúde [tese]. São Paulo: Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein; 2020. 99 f.

15. Campos EP. Quem cuida do cuidador? uma proposta para os profissionais da saúde. 2a ed. São Paulo: Pontocom; 2016.

16. Paiva ML. Contribuições do Pronto Sorriso na formação do profissional de saúde [tese]. Goiás: Universidade Federal de Goiás; 2013. 67 f.

17. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2012. [Série E. Legislação em Saúde].

18. Schimith MD, Lima MA. Acolhimento e vínculo em uma equipe do Programa Saúde da Família. Cad Saude Publica. 2004;20(6):1487-94.

19. Masetti M. Boas misturas: possibilidades de modificações da prática do profissional de saúde a partir do contato com os doutores da alegria [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001. 82 f.

20. Charon JM. Symbolic interactionism: an introduction, an interpretation, anintegration. New Jersey: Prentice Hall; 2004.

21. Duarte SC, Stipp MA, Cardoso MM, Büscher A. Segurança do paciente: compreendendo o erro humano na assistência de enfermagem em terapia intensiva. Rev Esc Enferm USP. 2018;52: e03406.

22. Ford K, Courtney-Pratt H, Tesch L, Johnson C. More than just clowns-clown doctor rounds and their impact for children, families and staff. J Child Health Care. 2014;18(3):286-96.

23. Houaiss A, Villar MS, Franco FM. Dicionário houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2009.

24. Sato M, Ramos A, Silva CC, Gameiro GR, da Conceição Scatena CM. Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar. Interface Comun Saude Educ. 2016;20(56):123-34.

25. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização. Formação e intervenção. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2010.

ARTIGO 3

REFLETINDO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS COM A ARTE DO PALHAÇO E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA PESSOAL DO PROFISSIONAL DE SAÚDE

Louro CR, de Amorim Almeida F.

Objetivo: Compreender o significado da vivência dos profissionais de saúde em participar de um projeto de extensão sobre a arte do palhaço durante a graduação e de que forma isso influenciou sua vida pessoal.

Métodos: Estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizado com 19 profissionais de saúde que participaram do projeto de extensão denominado “Narizes de Plantão” durante a graduação. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas audiovideogravadas e analisados a partir da Análise Qualitativa do Conteúdo, utilizando-se o Interacionismo Simbólico como referencial teórico.

Resultados: Ao relatarem sobre a vivência da arte do palhaço, os participantes expressaram que as experiências vividas no projeto “Narizes de Plantão” repercutiram no âmbito pessoal, sendo identificadas cinco categorias: “Querendo ajudar o próximo”, “Transformando-se por meio do autoconhecimento”, “Não conseguindo se desvencilhar do palhaço”, “Acreditando que todos podem se beneficiar com a experiência do palhaço”, “Sendo difícil abandonar o convívio com o palhaço”.

Conclusão: A arte do palhaço mostrou-se uma poderosa ferramenta de autoconhecimento, mobilizadora e transformacional, auxiliando no desabrochar do próprio ser e, consequentemente, auxiliando nos processos educacionais e de cuidados, sobretudo na área da saúde.

Descritores: Autoimagem; Comportamento; Terapia do Riso; Educação Superior; Pessoal de Saúde.

Introdução

O conceito principal para a manifestação do palhaço é criar um fluxo ininterrupto de comunicação com as dimensões vulneráveis, sensíveis, ridículas e transgressoras do próprio indivíduo, pois o palhaço mostra o que desejamos esconder.(1)

O transcurso de revelação do palhaço de cada um acarreta a ruptura de blindagens que fazemos uso na vida cotidiana. Esta ruptura é feita através dos exercícios conduzidos pelo coordenador do curso, que realiza uma função semelhante ao psicólogo.(2) Em todo esse transcurso, o papel do coordenador é fundamental, sendo o principal encarregado pelo sensível processo de descoberta do palhaço interior de cada aluno, sem que se perca o controle das situações de constrangimento e exposição, na qual os aprendizes são colocados frequentemente.(3)

Quanto mais o indivíduo for ele mesmo, pego no momento de suas fragilidades, mais ele será engraçado e verdadeiro. De forma alguma, deverá ser interpretado um papel e sim permitir que apareça, de maneira bastante psicológica, a sinceridade que está em seu interior e que se evidencia com a derrota, a frustração e o fiasco de sua apresentação.(4)

Há inúmeros exercícios que confrontam o estudante com sua inocência e seu ridículo. Quando colocado em momentos de desconforto, surgem discretos gestos que o estudante, muitas vezes, não percebe. Esses gestos são importantes para a construção do palhaço, pois envolve características únicas de cada um, que serão esculpidas no decorrer do caminho de busca pelo palhaço interior.(2)

O riso do palhaço nasce de suas lágrimas, da expressão de seu ridículo. Faz com que a plateia se conecte, pois, reconhece características humanas naquela figura.(5)

O palhaço trabalha com o aqui e agora. Cada instante é muito precioso e cheio de detalhes. O palhaço consegue ver e perceber os microssegundos; ele permite a transformação da realidade, da dor e do sofrimento, em algo mais leve, com um certo tom de humor.(6)

A arte do palhaço e as habilidades desenvolvidas por meio dos diversos caminhos das artes podem ser utilizadas nos diversos campos do pensamento e do conhecimento humano.(7) A arte produz um movimento ininterrupto, que cria e transforma as realidades existentes. É um agregado de sensações e relações que permanecem vivas naqueles que as vivenciam.(8)

A arte do palhaço se insere também em um novo olhar para o sistema educacional na área da saúde, contribuindo para a construção de um novo paradigma na atuação dos profissionais da saúde, possibilitando a experiência de uma visão diferente na relação profissional-paciente.[9]

A atuação dos palhaços no ambiente hospitalar tem como característica a atribuição de novos significados a acontecimentos, através da mudança de sua visão de mundo. O palhaço procura transformar um acontecimento "aparentemente negativo" em um modo de trabalho que transporte ao riso ou a outro nível emocional, diferente do vivenciado diariamente pelos pacientes na rotina hospitalar.[6,10,11]

Desta forma, o presente estudo teve como objetivo compreender o significado da vivência dos profissionais de saúde ao participar de um projeto de extensão sobre a arte do palhaço durante o curso de graduação.

Este artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado que aborda a vivência do profissional de saúde na arte do palhaço, durante a graduação e suas repercussões na vida acadêmica, profissional e pessoal.[12]

Métodos

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa e interpretativa, realizado com 19 profissionais de saúde que participaram do projeto de extensão denominado "Narizes de Plantão" durante a graduação ou funcionários da instituição onde o projeto é realizado. O projeto é realizado em uma universidade privada do estado de São Paulo e enfoca a abordagem da arte do palhaço na formação de estudantes de saúde, com o objetivo de modificar o ambiente hospitalar por meio de alterações na percepção do estudante e do paciente sobre as relações humanas. O perfil dos participantes do estudo é apresentado no Quadro 1.

Quadro 1. Perfil dos participantes da pesquisa

Participantes	Idade (anos)	Sexo	Profissão	Ano de graduação	Tempo de participação no projeto "Narizes de Plantão"	Participação atual em projetos relacionados à arte do palhaço:
C1	27	Feminino	Fisioterapeuta	2013	18 meses	Sim
C2	30	Masculino	Médico	2016	24 meses	Não

C3	26	Masculino	Fisioterapeuta	2014	12 meses	Sim
C4	29	Feminino	Médica	2014	24 meses	Não
C5	26	Feminino	Biomédica	2013	12 meses	Não
C6	27	Feminino	Nutricionista	2015	42 meses	Não
C7	30	Feminino	Terapeuta Ocupacional	2013	24 meses	Não
C8	33	Masculino	Médico	2017	42 meses	Não
C9	25	Feminino	Nutricionista	2015	36 meses	Não
C10	25	Feminino	Nutricionista	2015	42 meses	Não
C11	25	Feminino	Biomédica	2017	60 meses	Não
C12	54	Feminino	Docente de enfermagem	1989	18 meses	Não
C13	23	Feminino	Biomédica	2018	12 meses	Não
C14	31	Feminino	Médica	2019	12 meses	Não
C15	29	Feminino	Nutricionista	2013	6 meses	Não
C16	28	Masculino	Médico	2018	12 meses	Não
C17	28	Feminino	Biomédica	2014	18 meses	Não
C18	27	Feminino	Médica	2017	36 meses	Não
C19	28	Feminino	Biomédica	2014	36 meses	Não

Como critérios de inclusão na pesquisa, os participantes deveriam ter feito pelo menos uma visita em hospital como “palhaço hospitalar” do projeto, e estar atuando, no momento da coleta dos dados, como profissionais da área da saúde. Os dados para acesso aos participantes foram disponibilizados pelo coordenador geral do projeto de extensão “Narizes de Plantão”, mediante termo de autorização e compromisso para uso de informações.

A coleta de dados realizou-se por meio de entrevistas semiestruturadas e audiovideogravadas, via internet, entre abril e agosto de 2019. Utilizou-se um roteiro contendo dados pessoais dos entrevistados e três perguntas norteadoras: “Como foi para você participar do projeto ‘Narizes de Plantão’ durante o curso de graduação?”; “O que motivou você a participar do projeto ‘Narizes de Plantão’?”; “Conte-me uma experiência em que você utiliza na prática as técnicas apreendidas durante o projeto ‘Narizes de Plantão”.

As entrevistas foram transcritas integralmente, utilizando-se a Análise Qualitativa de Conteúdo, como referencial metodológico, e o Interacionismo Simbólico, como referencial teórico. Os dados foram codificados e categorizados, frase por frase, por meio da leitura exaustiva. Os códigos semelhantes foram reunidos e nomeados por títulos, originando as categorias e as subcategorias.

A pesquisa seguiu a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição (número do parecer 3.182.231). Os partícipes foram informados da natureza do estudo e formalizaram seu consentimento, sendo assegurados a confidencialidade dos dados e o anonimato. Não houve recusa de participação.

Resultados

Os relatos apontam que as experiências vividas no projeto “Narizes de Plantão” repercutiram no âmbito pessoal dos entrevistados, sendo identificadas cinco categorias apresentadas a seguir.

Querendo ajudar o próximo

Os profissionais sinalizam para uma motivação pessoal em querer ajudar o próximo, como o fato que os levou a fazer parte do projeto “Narizes de Plantão”.

> *[...] o que me motivou a entrar no projeto, foi querer fazer algum trabalho voluntário. C6*

> *[...] eu sempre quis ajudar o próximo... eu sempre tive isso em mim. C9*

> *[...] eu faço doações todo mês. Então, eu acho que ajudar o próximo faz total diferença na vida das pessoas [...] quando você faz uma doação, você sabe que vai ajudar, mas você não tem um contato físico... você não tem a vivência ali... E eu acho que isso fez diferença. Estar ali, faz total diferença [referindo-se ao palhaço]. C15*

Transformando-se por meio do autoconhecimento

Os participantes do estudo reconhecem a oportunidade de estudar a linguagem do palhaço como mobilizador e transformador em suas vidas, ao proporcionar o autoconhecimento, uma das estratégias utilizadas durante toda a formação do palhaço.

> *Mudou radicalmente a minha vida [...] foi um processo de se conectar mais com você mesmo, de se abrir [...] você vira um super-humano. Você se fecha menos... você escuta mais. C3*

> *[...] foi bem desafiador, me deixar vulnerável perante as situações, perante as pessoas e trabalhar essas questões em mim... essa parte de autoconhecimento. [...] acho que isso foi um despertar, assim... C6*

> *[...] para mim, nem faz sentido o rumo que eu tomei... a pessoa que eu sou hoje sem os Narizes, sabe? Acho que ele foi meio que um divisor de águas na minha vida... momento meio catártico. Então, é estranho pensar que uma coisa pode definir totalmente a sua personalidade, né? O caminho que você toma na vida... e eu tenho como isso, como um projeto que fez parte da construção da pessoa que eu sou hoje. É muito louco pensar em mim antes do projeto, né? Não sei... parece que não existia muito. C10*

> *[...] a vivência [do projeto] foi fenomenal, porque ela me deu uma visão de mundo que eu não conhecia e ela me fez ver as pessoas e a me ver de uma forma que eu não conseguia. C17*

> *[...] eu sempre falo que impactou muito na vida pessoal mesmo... na maneira como eu lido com os meus problemas... como eu me enxergo como pessoa dentro da sociedade. C19*

> *[...] a linguagem do palhaço me deixou em uma posição de liberdade que eu não sentia antes. [...] liberdade para ser quem eu era, para vestir os meus defeitos, para vestir as minhas qualidades, não ter vergonha de absolutamente nada disso. Por que eu passei a entender que é algo*

> *que faz parte de todo mundo, né? Muitas vezes, a gente tenta esconder, porque é um acordo social que a gente tem... "vamos esconder, vamos fingir que nós somos todos perfeitinhos", mas que está tudo bem mostrar e tal. E no final das contas, somos todos humanos [...]. C19*

Não conseguindo se desvencilhar do palhaço

Para alguns entrevistados, a essência do palhaço parece permanecer dentro de si, pronta para aflorar a qualquer momento, mesmo depois de muito tempo após deixar de participar do projeto. É como se fosse algo "orgânico", arraigado e do qual os entrevistados não conseguem se desvencilhar, tornando-se difícil até distinguir, em alguns momentos, o próprio indivíduo ou sua "persona" - no caso, o palhaço.

> *[...] eu fiz uma oficina dos [Narizes] ancestrais esse ano. Eu achei que ia ser o desastre completo... fazia seis anos que eu não colocava um nariz, sabe? Foi muito interessante [...] eu achava que não ia conseguir... achei que era um lugar perdido já, na minha na consciência... E aí, aquilo voltou assim sozinho, não precisei de força para fazer voltar, sabe? C5*

> *[...] o que eu descobri de mim e o que ficou do palhaço em mim, que é o que eu uso hoje, talvez eu sempre fui assim... mas hoje, eu uso isso com muito mais naturalidade... ficou, né? Hoje, todo o dia eu sinto um pouco disso... do que foi [...] é uma coisa que eu não consigo me desvencilhar.C7*

> *[...] chega um momento que eu não consigo mais separar o palhaço de mim. Existe uma certa fusão, que fica um pouco difícil de distinguir uma persona da outra, assim... digamos. Porque o palhaço é uma extensão de você, né?C8*

> *[...] sabe quando vai passando [o tempo] e se torna uma coisa natural, mas quando você para pra pensar e você vê toda a progressão e toda a mudança que você passou... é uma coisa assim, fora do comum. Eu acho que pessoalmente eu cresci de mais com todo o aprendizado que eu tive. C18*

Acreditando que todos podem se beneficiar com a experiência do palhaço

Por ser uma “ferramenta” que gera transformações internas e externas, a linguagem do palhaço é percebida pelos profissionais como algo benéfico para as pessoas de uma forma geral, ao possibilitar uma nova visão do mundo.

> *[...] é uma coisa que eu falo com todas as pessoas que eu converso [...] se você tem a oportunidade de fazer parte de qualquer grupo de palhaços... que use a linguagem clown... que você consiga se conhecer e conhecer o outro, [...] se elas tivessem essa oportunidade, elas deveriam aproveitar... porque, de fato, mudou como eu vejo o mundo. C17*

> *Foi uma experiência que eu diria que é única e que todo mundo tem que ter. C18*

> *[...] a forma que isso é importante para que as pessoas se conheçam, consigam ver no outro uma outra perspectiva e jogar com ele e ele com você. É disciplina obrigatória de todo profissional da área de saúde. C12*

Sendo difícil abandonar o convívio com o palhaço

Os relatos apontam a dificuldade enfrentada pelos profissionais de deixarem de participar do projeto “Narizes de Plantão” e abandonarem a convivência com o mundo do palhaço. Alguns deles tentaram, inclusive, prolongar o vínculo com a instituição acadêmica, inscrevendo-se em outros cursos para poderem continuar a frequentar o projeto.

> *Quando eu me formei [...] eu não queria deixar o palhaço, mas eu me juntei com mais algumas pessoas e aí, eu formei o grupo chamado Narizes do Museu. C1*

> *[...] e eu não quero largar [de ser palhaço]... É um negócio que eu quero levar para a vida agora também...Porque é um bicho, é uma ferramenta, é um você incrível. C3*

[...] quando me formei foi muito difícil, para mim, sair do projeto e aí, eu entrei em uma pós-graduação... só por causa do projeto. C9

Discussão

O significado para vida pessoal dos profissionais de saúde que participaram do projeto de extensão "Narizes de Plantão", durante a graduação, evidenciou-se através das falas sobre o caráter autoterapêutico do projeto, oportunizando o descobrimento do seu próprio ser, o que trouxe maior liberdade e aceitação para se expressarem genuinamente. O caráter altruísta dos participantes também é destacado, caracterizando o **sentimento de querer ajudar o próximo**, por meio do trabalho voluntário.

A esse respeito, uma pesquisa realizada com estudantes do projeto de extensão universitária "Sorriso de Plantão", da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas (Famed/Ufal), revelou, por meio do emprego do instrumento Inventário de Empatia, que o altruísmo também prevaleceu de maneira significativa entre os integrantes do projeto relacionado à arte do palhaço no contexto hospitalar.[13]

Outro aspecto revelado nos discursos dos participantes do presente estudo foi a **transformação pessoal ocorrida por meio do autoconhecimento**. Os participantes reconheceram a oportunidade de estudar a linguagem do palhaço como algo mobilizador e transformador em suas vidas.

Dois estudos realizados com acadêmicos e ex-acadêmicos do curso de Medicina da Universidade Federal de Goiás, que cursaram a disciplina de Núcleo Livre, denominada "Pronto Sorriso", que se beneficiaram de experiências com a arte do palhaço, também enfatizam a contribuição para que os indivíduos pudessem se conhecer a partir do encontro com seu "eu verdadeiro".[14,15]

Mais uma questão que emergiu na presente pesquisa foi o caráter de perenidade da essência do palhaço, que se perpetua mesmo após o profissional sair do projeto "Narizes de Plantão". É como se **não conseguisse se desvencilhar do palhaço,** revelando-se como algo introjetado e sempre pronto a aflorar em qualquer momento.

Ainda neste contexto, os achados apontam para a **dificuldade de alguns profissionais em deixar de participar do projeto "Narizes de Plantão"**, numa

tentativa de prolongar o vínculo com a instituição acadêmica onde o projeto se realiza, como forma de continuar a fazer parte dele.

A dificuldade em deixar de participar de atividades relacionadas à arte do palhaço também é descrita em estudos que abordam o processo de formação do palhaço. A experiência revela-se de modo tão intenso, a ponto de "sobreviver" no próprio sujeito, mesmo sem a utilização da máscara, no caso, o nariz de palhaço. Ao utilizar a menor máscara, a que menos esconde e, ao mesmo tempo, a que mais revela, o indivíduo que a usa permite-se ser ridículo, tolo, ingênuo, sincero, errar, voltar a ser criança e se despir das outras máscaras que a sociedade impõe.[5,16].

Esse processo de liberdade favorecido pela vivência de ser palhaço evidenciou-se no presente estudo, diante da crença dos profissionais de **que todos podem se beneficiar com a experiência do palhaço,** por ser capaz de gerar transformações internas e externas.

Correlacionando a vivência dos profissionais que fizeram parte do projeto "Narizes de Plantão" ao pressuposto do Interacionismo Simbólico, no qual o indivíduo é compreendido como atuando no presente, sendo influenciado não apenas pelo que se desenrolou no passado, mas pelo que acontece agora,[17] evidencia-se a continuidade do que foi experienciado e interpretado por eles durante a graduação, revelando o "palhaço interior" que age em todos os aspectos da vida.

Ainda sobre o significado da vivência do palhaço para o indivíduo, ou seja, o significado que ele atribui aos objetos, é possível correlacionar este pressuposto do Interacionismo Simbólico ao estudo que Deleuze realizou sobre o filósofo Espinosa.[18] Segundo esse estudo, um signo pode ter vários sentidos, mas é sempre um efeito que, primeiramente, é o vestígio de um corpo sobre o outro, o estado de um corpo que tenha sofrido a ação de outro corpo. Só é possível conhecer os estados de alterações mentais e morais pelas ideias que temos, pelas sensações ou percepções sobre nossas vivências.[18] No presente estudo, os indivíduos viveram o transcurso da descoberta do próprio palhaço, ou seja, o vestígio de um corpo (indivíduo) que tenha sofrido ação de outro corpo (palhaço).

Algumas limitações impuseram-se à realização deste estudo, no que se refere aos participantes do estudo, uma vez que todos tiveram vivências muito parecidas, ao fazerem parte de um mesmo projeto de extensão sobre a arte do palhaço. Outra limitação é a escassez de pesquisas sobre a arte do palhaço e seus reflexos para o indivíduo que o pratica.

Conhecer a experiência de outros grupos que tenham compartilhado vivências de palhaços em contextos diferentes pode ser muito enriquecedor como forma de se obter mais subsídios que embasem o uso dessas vivências de maneira sistemática na formação acadêmica, possibilitando o autoconhecimento desses futuros profissionais. Acredita-se que novos estudos sobre a temática permitam delinear estratégias educacionais inovadoras e criativas, no sentido de privilegiar a formação mais humanizada de profissionais na área da saúde.

Conclusão

O caráter autoterapêutico e transformacional do projeto “Narizes de Plantão” levou os participantes deste estudo a descobrirem “seu próprio eu”, influenciando inclusive no âmbito pessoal. Para eles, esta vivência fez com que se sentissem mais livres para aceitar seus defeitos e vulnerabilidades, fazendo emergir um “eu” mais genuíno.

A realização deste estudo ressalta a importância de se incorporar projetos de extensão ou disciplinas optativas relacionadas à temática da linguagem do palhaço em todo o sistema acadêmico e, principalmente, na área da saúde, com vistas ao autoconhecimento e ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Quando o indivíduo pratica o autoconhecimento, ele se transforma, reverberando ao seu redor.

A presente pesquisa traz subsídios que poderão contribuir para o aperfeiçoamento do conhecimento científico acerca do uso da linguagem do palhaço enquanto tecnologia facilitadora das práticas de autoconhecimento, educacionais e de cuidados, sobretudo na área da saúde.

Agradecimentos

Agradecemos aos profissionais de saúde participantes, que doaram seu tempo para compartilhar suas narrativas.

Colaborações

_____ contribuíram com a redação do artigo, a revisão crítica relevante do conteúdo intelectual, a análise e interpretação dos dados e a aprovação da versão final a ser publicada.

Referências

1. Tsallis AC. Palhaços: uma possível reflexão para a Gestalt-terapia. Estud Pesqui Psicol. 2009;9(1):139-51.

2. Burnier LO. A arte do ator: da técnica à representação. 2a ed. Campinas: Unicamp; 2009.

3. Barbosa JJ. O ator transparente – o treinamento com as máscaras do palhaço e do bufão e a experiência de um espetáculo Madrugada [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2001.134 f.

4. Lecoq J. O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral. São Paulo: Senac; 2010.

5. Soares AL. Palhaço de Hospital: Proposta metodológica de formação [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; 2007. 206 f.

6. Masetti M. Boas misturas: possibilidades de modificações da prática do profissional de saúde a partir do contato com os doutores da alegria [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001. 82 f.

7. Houaiss A, Villar MS, Franco FM. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2009.

8. Deleuze G, Guattari F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34; 1996.

9. Mota GM, Mota DM, Machado MM, Arrais RH, de Oliveira CP, dos Santos Salgado M, et al. A percepção dos estudantes de graduação sobre a atuação do “doutor palhaço” em um hospital universitário. Rev Bras Promoc Saúde. 2012;25(2):25-32.

10. Ford K, Courtney-Pratt H, Tesch L, Johnson C. More than just clowns-clown doctor rounds and their impact for children, families and staff. J Child Health Care. 2014;18(3):286-96.

11. Linge L. Magical attachment: children in magical relations with hospital clowns. Int J Qual Stud Health Well-being. 2012;7(1):7.

12. Louro CR, de Amorim Almeida F. O significado de vivenciar a arte do palhaço durante a graduação para o profissional de saúde [tese]. São Paulo: Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein; 2020. 99 f.

13. da Silva M, Sampaio J, Santos E. O nível de empatia de participantes do projeto de extensão universitária sorriso de plantão e sua contribuição para a formação em saúde. Rev Contexto Saúde. 2019;19(36):79-0.

14. Paiva ML. Contribuições do Pronto Sorriso na formação do profissional de saúde. [tese]. Goiás: Universidade Federal de Goiás; 2013. 67 f.

15. Oliveira AS. Palhaço no hospital: percepção da influência do pronto sorriso como instrumento de aprendizagem no ensino da graduação em medicina. [tese]. Goiás: Universidade Federal de Goiás; 2014. 106 f.

16. Oliveira DC. Formação em palhaço: reflexões sobre metodologias de formação de novos palhaços [dissertação]. Brasília (DF): Universidade de Brasília; 2012. 169 f.

17. Blumer H. Symbolic interacionism: perspective e method. Berkeley: University of California; 1969. Chapter 1, The methodological position of symbolic interactionism; p.1-60.

18. Deleuze G. Crítica e clínica. Trazido por Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34; 1997.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo permitiu compreender o significado da vivência dos profissionais de saúde na participação de um projeto de extensão sobre a arte do palhaço durante o curso de graduação.

A arte do palhaço revela-se uma estratégia educacional efetiva para o desenvolvimento e o aprimoramento de habilidades socioemocionais no ensino superior de áreas da saúde, possibilitando a desconstrução do modelo mecanicista, dualista e quantitativo de ensino das ciências médicas.

O conhecimento adquirido sobre a linguagem do palhaço continuou reverberando na trajetória dos profissionais de saúde que vivenciaram esta experiência acadêmica, reconhecendo esta iniciativa como promotora de maior empatia, humanização e leveza para o ambiente de trabalho e para as práticas assistencias.

Além disso, para os profissionais do estudo, a vivência da arte do palhaço contribuiu para o alívio do estresse durante o período acadêmico, possibilitando-lhes ampliar as perspectivas futuras para a profissão, vislumbrando uma nova forma de atuação na prática. Enquanto estudantes revelaram encontrar mais sentido no ato de cuidar, indo além do tecnicismo. Conseguiram compreender, a partir do contato com arte do palhaço, a importância de escutar, olhar e perceber o paciente de forma integral, bem como as repercussões desta maneira de interagir no atendimento de saúde.

O caráter autoterapêutico e transformacional do projeto “Narizes de Plantão” levou os participantes deste estudo a descobrirem “seu próprio eu”, influenciando inclusive no âmbito pessoal. Para eles, está vivência fez com que se sentissem mais livres para aceitar seus defeitos e vulnerabilidades, fazendo emergir um “eu” mais genuíno.

A realização deste estudo ressalta a importância de se incorporar projetos de extensão ou disciplinas optativas relacionadas à temática da linguagem do palhaço no ambiente acadêmico, especialmente para os cursos da área da saúde, com vistas ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

A presente pesquisa traz subsídios que poderão contribuir para o aperfeiçoamento do conhecimento científico acerca do uso da linguagem do palhaço enquanto tecnologia facilitadora das práticas educacionais e de cuidados em saúde.

Algumas limitações impuseram-se à realização deste estudo, no que se refere aos participantes da pesquisa, uma vez que todos tiveram vivências em um mesmo projeto de extensão sobre a arte do palhaço. Outra limitação é a escassez de pesquisas sobre o caráter educacional e seus reflexos, a longo prazo, para o indivíduo que teve contato com esse conteúdo na graduação.

7 ANEXOS

Anexo 1. Parecer consubstanciado do CEP

ALBERT EINSTEIN
INSTITUTO ISRAELITA DE ENSINO E PESQUISA

HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN-SP

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A ARTE DO PALHAÇO: VIVÊNCIA DO PROFISSIONAL DE SAÚDE EM UM PROJETO DE EXTENSÃO DURANTE A GRADUAÇÃO

Pesquisador: Fabiane de Amorim Almeida

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 07493019.7.0000.0071

Instituição Proponente: SOCIEDADE BENEF ISRAELITABRAS HOSPITAL ALBERT EINSTEIN

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.182.231

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa do MP em Enfermagem da FICSAE. Os profissionais da área da saúde estão em constante contato com pessoas, tanto nas relações profissionais como diretamente com o paciente. O modo como o profissional irá se relacionar em seu cotidiano, começa a ser delineado desde sua formação acadêmica. Algumas universidades da área da saúde
vislumbram, na linguagem do palhaço, uma forma de proporcionar, para o estudante, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, muitas vezes subestimadas no ensino tradicional de saúde.

Objetivo da Pesquisa:

Os profissionais da área da saúde estão em constante contato com pessoas, tanto nas relações profissionais como diretamente com o paciente. O modo como o profissional irá se relacionar em seu cotidiano, começa a ser delineado desde sua formação acadêmica. Algumas universidades da área da saúde vislumbram, na linguagem do palhaço, uma forma de proporcionar, para o
estudante, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, muitas vezes subestimadas no ensino tradicional de saúde

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Há riscos mínimos por participar da pesquisa que serão minimizados a observação do pesquisador em suspender a entrevista caso o participante se sinta desconfortável.

Continuação do Parecer: 3.182.231

Não há benefícios diretos para os participantes, outros profissionais poderão ser beneficiados com os resultados desta pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora contará com dados fornecidos peloa coordenador do projeto Narizes de Plantão para contactar os participantes de pesquisa. não há local definido para a coleta de dados, mas, independente disto, os participantes deverão assinar o TCLE para concordar em participar da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos de apresentação obrigatória encontram-se de acordo com as Resoluções vigentes.

Recomendações:

É atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP Einstein os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

Relatório Parcial, Final ou de Suspensão de Estudo:
https://www.einstein.br/pesquisa/servicos/comite-etica-em-pesquisa/relatorio-pesquisas-aprovadas

Segundo a Resolução CNS 466/2012 o pesquisador responsável deve prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros.

Por favor, se ocorrerem eventos adversos graves, considerar as orientações presentes no link: http://apps.einstein.br/forms/pesquisa/form-adve.html

Se ocorrer um evento relacionado ao procedimento do estudo ou medicação em uso, por favor, preencher o Formulário de Evento Adverso Sério Próprio do CONEP: http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/FORMULARIO_EAS_CONEP_2011.doc

Continuação do Parecer: 3.182.231

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise, não foram encontrados óbices éticos e os seguintes documentos foram Aprovados:

1-Projeto de Pesquisa - Versão 2 datada de Dezembro de 2018;

2-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Versão 2 datada de Dezembro de 2018.

Considerações Finais a critério do CEP:

DOCUMENTAÇÃO APROVADA PELO CEP DO HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN EM REUNIÃO REALIZADA EM 26/02/2019.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1287741.pdf	06/02/2019 20:25:28		Aceito
Outros	Declaracao_Resp_Investigador_2019.pdf	06/02/2019 20:24:32	Fabiane de Amorim Almeida	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_06fev19.pdf	06/02/2019 20:23:32	Fabiane de Amorim Almeida	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Caroline_Louro.pdf	28/01/2019 22:04:01	Fabiane de Amorim Almeida	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	22/01/2019 16:00:18	Fabiane de Amorim Almeida	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	22/01/2019 16:00:06	Fabiane de Amorim Almeida	Aceito
Outros	Instrumento_coleta.pdf	22/01/2019 15:57:32	Fabiane de Amorim Almeida	Aceito
Outros	Termo_Autorizacao_e_Compromisso_para_uso_de_informacoes.pdf	22/01/2019 15:56:21	Fabiane de Amorim Almeida	Aceito
Outros	Termo_Anuencia_Participantes.pdf	22/01/2019 15:54:59	Fabiane de Amorim Almeida	Aceito
Outros	Termo_Anuencia_Gestores.pdf	22/01/2019 15:54:24	Fabiane de Amorim Almeida	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_Compr_Pesquisador_Resp.pdf	22/01/2019 15:54:05	Fabiane de Amorim Almeida	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Carol_MP_2versao_18dez18.pdf	22/01/2019 15:53:10	Fabiane de Amorim Almeida	Aceito

Situação do Parecer:

ALBERT EINSTEIN
INSTITUTO ISRAELITA DE ENSINO E PESQUISA

HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN-SP

PlataForma Brasil

Continuação do Parecer: 3.192.231

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SAO PAULO, 04 de Março de 2019

Assinado por:
Fabio Pires de Souza Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Albert Einstein 627 - 2os
Bairro: Morumbi **CEP:** 05.652-000
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)2151-3729 **Fax:** (11)2151-0273 **E-mail:** cep@einstein.br

8 REFERÊNCIAS

1. Cardozo EE, Munari DB. A formação integral dos profissionais de saúde: possibilidades para a humanização da assistência. Ciênc Cuid Saúde. 2005;4(2):163-70.

2. Rios IC. Humanização: a essência da ação técnica e ética nas práticas de saúde. Rev Bras Educ Med. 2009;33(2):253-61.

3. Rolim KM, Campos AC, Cardoso MV, da Silva RM. Sensibilizando os discentes para o cuidado humanizado: vivências do ensino-aprendizagem. Rev RENE. 2004;5(2):79-85.

4. Casate JC, Corrêa AK. A humanização do cuidado na formação dos profissionais de saúde nos cursos de graduação. Rev Esc Enferm USP. 2012;46(1):219-26.

5. Masetti M. Doutores da ética da alegria. Interface (Botucatu). 2005;9(17):453-8.

6. Thebas C. O livro do palhaço. São Paulo: Schwarcz; 2005.

7. Lecoq J. O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral. São Paulo: Senac; 2010.

8. de Brito CM, da Silveira R, Mendonça DB, Joaquim RH. O humor e o riso na promoção de saúde: uma experiência de inserção do palhaço na estratégia de saúde da família. Ciênc. Saúde Colet . 2016;21(2):553-62.

9. Salvetti T, Bec T. Efeitos da intervenção com palhaços nos níveis de dor e ansiedade da criança [trabalho de conclusão de curso]. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; 2015. 51 f.

10. Dionigi A, Canestrari C. Clowning in health care settings: the point of view of adults. Eur J Psychol. 2016;12(3):473-88.

11. Nogueira-Martins MF, Lima-Costa D, Nogueira-Martins LA, Nogueira-Martins MC. Perceptions of healthcare undergraduate students about a hospital clown training. Creat Educ. 2014;5(8):542-51.

12. Paiva ML. Contribuições do pronto sorriso na formação do profissional de saúde [tese]. Goiás: Universidade Federal de Goiás; 2013. 67 f.

13. Capra F. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix; 1982.

14. Ferreira FR. Ciência e arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos. Educ Pesqui. 2010;36(1):261-80.

15. Ianni O. Variações sobre arte e ciência. Tempo Soc. 2004;16(1):7-23.

16. Morin E. A cabeça bem feita: repensar a reforma repensar o pensamento. 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2003.

17. Fontes OL. Educação biomédica em transição conceitual. Piracicaba: Unimep; 1999.

18. Rodrigues HJ. A relação entre o corpo e a mente nos escritos de Freud, Lacan e Reich: do fenômeno psicossomático à unidade funcional soma-psyché [dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2008. 143 f.

19. de Castro MG, Andrade TM, Muller MC. Conceito mente e corpo através da História. Psicol Estud. 2006;11(1):39-43.

20. Neves EP. As dimensões do cuidar em enfermagem: concepções teórico-filosóficas. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2002;6(1):79-92.

21. Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2a ed. São Paulo: Cortez; 2000.

22. Houaiss A, Villar MS, Franco FM. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva; 2009.

23. Deleuze G, Guattari F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34; 1996.

24. Mota GM, Mota DM, Machado MM, Arrais RH, de Oliveira CP, Salgado MS, et al. A percepção dos estudantes de graduação sobre a atuação do “doutor palhaço” em um hospital universitário. Rev Bras Prom Saúde. 2012;25(2):25-32.

25. Torres A. O circo no Brasil. Rio de Janeiro: Funarte; 1998.

26. Faria JR, Guinsburg J, Lima MA. Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos. 2a ed. São Paulo: Perspect; 2006.

27. Bolognesi MF. Palhaços. São Paulo: Unesp; 2003.

28. Ruiz R. Hoje tem espetáculo? as origens do circo no Brasil. Rio de Janeiro: Inacen; 1987.

29. Soares AL. Palhaço de hospital: proposta metodológica de formação [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; 2007. 206 f.

30. Masetti M. Boas misturas: possibilidades de modificações da prática do profissional de saúde a partir do contato com os doutores da alegria [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001. 82 f.

31. Tsallis AC. Palhaços: uma possível reflexão para a Gestalt-terapia. Estud Pesqui Psicol. 2009;9(1):139-51.

32. Burnier LO. A arte do ator: da técnica à representação. 2a ed. Campinas: Unicamp; 2009.

33. Barbosa JJ. O ator transparente – o treinamento com as máscaras do palhaço e do bufão e a experiência de um espetáculo Madrugada [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2001.134 f.

34. Oliveira DC. Formação em palhaço: reflexões sobre metodologias de formação de novos palhaços [dissertação]. Brasília (DF): Universidade de Brasília; 2012. 169 f.

35. de Castro AV. O elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Família Bastos; 2005.

36. Ferracini R. Corpos em fuga, corpos em arte. São Paulo: Hucitec; 2006.

37. Minois G. História do riso e do escárnio. São Paulo: UNESP; 2003.

38. Ferracini R. A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator. São Paulo: Unicamp; 2001.

39. Rodrigues JC. O corpo na história. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 1999.

40. Freitas N. A Commedia dell'arte: máscaras, duplicidade e o riso diabólico de Arlequim. Textos Escolhidos Cult Arte Pop. 2008;5:65-74.

41. Remy T. Les clowns. Paris: Grasset & Fasquelle; 1945.

42. Brum DC, Porpino KO. Figuras palhacescas: um percurso até os palcos hospitalares. Concept. 2017; 6(1)106-23.

43. Big Apple Circus. Clown care [Internet]. c2020 [cited 2018 June 6]. Available from: http://www.bigapplecircus.org/clown-care

44. Doutores da Alegria. Conheça [Internet]. c2020 [citado 2018 Jun 6]. Disponível em: https://doutoresdaalegria.org.br/

45. Ford K, Courtney-Pratt H, Tesch L, Johnson C. More than just clowns-clown doctor rounds and their impact for children, families and staff. J Child Health Care. 2014;18(3):286-96.

46. Linge L. Magical attachment: children in magical relations with hospital clowns. Int J Qual Stud Health Well-being. 2012;7(1):7.

47. Linge L. Joyful and serious intentions in the work of hospital clowns: a meta-analysis based on a 7-year research project conducted in three parts. Int J Qual Stud Health Well-being. 2013;8(1):1-8.

48. Sato M, Ramos A, Silva CC, Gameiro GR, Scatena CM. Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar. Interface Comun Saúde Educ. 2016;20(56):123-34.
49. Dionigi A, Canestrari C. Clowning in health care settings: the point of view of adults. Eur J Psychol. 2016;12(3):473-88.

50. Campos EP. Quem cuida do cuidador? uma proposta para os profissionais da saúde. 2a ed. São Paulo: Pontocom; 2016.

51. Sá AM, Martins-Silva PO, Funchal B. Burnout: o impacto da satisfação no trabalho em profissionais de enfermagem. Psicol Soc. 2014;26(3):664-74.

52. da Silva RP, da Cruz Barbosa S, da Silva SS, Patrício DF. Burnout e estratégias de enfrentamento em profissionais de enfermagem. Arq Bras Psicol. 2015;67(1):130-45.

53. Koller D, Gryski C. The life threatened child and the life enhancing clown: towards a model of therapeutic clowning. Evid Based Complement Alternat Med. 2008;5(1):17-25.

54. Barkmann C, Siem AK, Wessolowski N, Schulte-Markwort M. Clowning as a supportive measure in paediatrics - a survey of clowns, parents and nursing staff. BMC Pediatr. 2013;13(1):166.

55. Blain S, Kingsnorth S, Stephens L, McKeever P. Determining the effects of therapeutic clowning on nurses in a children's rehabilitation hospital. Arts Health. 2011;4(1):26-38.

56. Takahagui FM, Moraes EN, Beraldi GH, Akamine GK, Basile MA, Scivoletto S. MadAlegria-estudantes de medicina atuando como doutores-palhaços: estratégia útil para humanização do ensino médico?. Rev Bras Educ Med. 2014;38(1):120-6.

57. Saraiva JL. Papel da extensão universitária na formação de estudantes e professores. Brasília Med. 2007;44(3):225-33.

58. Nunes EC, da Silva LW, Pires EP. O ensino superior de enfermagem: implicações da formação profissional para o cuidado transpessoal. Rev Lat Am Enfermagem. 2011;19(2):252-60.

59. Charon JM. Symbolic interactionism: an introduction, an interpretation, an integration. New Jersey: Prentice Hall; 2004.

60. Lopes CH, Jorge MS. Interacionismo simbó1ico e a possibilidade para o cuidar interativo em enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 2005;39(1):103-8.

61. Haguette TM. Metodologias qualitativas na sociologia. 12a ed. Petrópolis: Vozes; 2010.

62. Blumer H. Symbolic interacionism: perspective e method. Berkeley: University of California; 1969. Chapter 1, The methodological position of symbolic interactionism; p.1-60.

63. Ribeiro CA, Pettengill MA. A abordagem interacionista. In: Matheus MC, Fustinoni SM, coordenadoras. Pesquisa qualitativa em enfermagem. São Paulo: Livraria Médica Paulista; 2006. p. 35-41. Capítulo 4.

64. Minayo MC. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11a ed. São Paulo: Hucitec; 2008.

65. Polit DF, Beck CT. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidencia para a prática de enfermagem. 7a ed. Porto Alegre. Artmed. 2011.

66. Kauark F, Manhães FC, Medeiros CH. Metodologia da pesquisa: guia prático. Itabuna: Via Litterarum; 2010.

67. Narizes de Plantão. Muito prazer! [Internet]. 2019 [citado 2018 Ago 6]. Disponível em: http://narizesdeplantao.com.br/

68. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União. 12 dez 2012; Seção 1:59.

69. Hsieh HF, Shannon SE. Three approaches to qualitative content analysis. Qual Health Res. 2005;15(9):1277-88.

Abstract

Introduction: Health professionals are in constant contact with people and how they interact with individuals is associated with their academic education. Education based on empathy and humanization principles may influence significantly the interpersonal relationship that undergraduate students will build in the future. Some healthcare universities envision in the clown's language as a way to provide health care students the opportunity to develop socio-emotional skills, which are often underestimated in traditional healthcare undergraduate courses. **Purposes:** To understand the perception of health professionals participating in an extension project on the art of the clown during an undergraduate course; To propose a discipline for health care undergraduate courses on art of the clown based on experiences of the participants of this study. **Method:** This was an exploratory study of qualitative nature that included 19 health professionals who participated in the extension project called *Narizes de Plantão* (Noses on Duty). Participants were interviewed to report perception during their undergraduate course at a private university in the state of São Paulo. Data were collected through semi-structured interviews and analyzed according to the Qualitative Content Analysis, using the Symbolic Interactionism as the theoretical framework. **Results:** From the content reported by health professionals, three main thematic categories emerged: the meaning for professionals in participating the project “Noses on Duty” during their academic life, the impact of their participation in their professional pathway, and the contribution of these experiences to their personal life. Results presented a positive and long-standing impact of the experience with clow care that remains after the undergraduate studies. In addition, our findings enabled to propose an optional discipline on contributions of art of the clow to become part of higher health care education curriculum. **Conclusions:** The art of the clown proved to be a powerful transformational, self-therapeutic and educational tool, during and after undergraduate studies, and also helped the health professionals to develop socio-emotional skills, and become more empathic and humanized.

Keywords: Play and Plaything. Humanization of Assistance. Health Personnel. Laughter Therapy.

Apêndice

Apêndice 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PROTOCOLO DE PESQUISA

"Ter vivenciado a arte do palhaço durante a graduação: significado para o profissional da saúde".
Caroline Ribeiro Louro

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Participantes com idade ≥ 18 anos

Introdução

Você foi convidado(a) para participar voluntariamente do estudo intitulado: "**Ter vivenciado a arte do palhaço durante a graduação: significado para o profissional da saúde**". Se você decidir fazer parte dele, precisará saber das possibilidades de riscos e benefícios e confirmar sua participação através do termo de consentimento livre e esclarecido.

Este documento esclarece sobre o estudo que você deseja participar. Se você tiver qualquer pergunta, por favor, sinta-se à vontade para entrar em contato com algum profissional que participa do estudo e que possa esclarecer suas dúvidas.

A decisão de fazer parte do estudo é **voluntária** e você pode recusar ou retirar-se do estudo a qualquer momento sem nenhum tipo de consequência.

O objetivo desta pesquisa é compreender o significado da experiência vivenciada pelo profissional de saúde em participar de um curso de palhaço, durante sua formação acadêmica.

Procedimentos realizados neste protocolo

Sua forma de participação no estudo consiste em fazer parte de uma entrevista semiestruturada e responder um breve questionário. A entrevista será gravada e filmada. Não será cobrado nada e não haverá gastos na sua participação nesta pesquisa.

Riscos e inconveniências

Em relação aos riscos de sua participação nessa pesquisa, não existem na literatura efeitos indesejáveis em relação a participação de uma entrevista semiestruturada, entretanto, alguns participantes podem se sentir desconfortáveis ao emitir sua opinião durante a entrevista e/ou serem filmados.

Número:_____ Iniciais: ___ ___ ___

Rubrica: 1) Participante_____ 2) Responsável pelo consentimento _____

Você também pode recusar a responder quaisquer questões que façam você se sentir desconfortável.

Se você tiver preocupações depois de responder ao questionário e/ou a entrevista, você é encorajado a contatar o responsável pelo estudo. Além disso, somente os pesquisadores terão acesso a informações e dados pessoais.

Para minimizar o risco de exposição e garantir seu anonimato, os pesquisadores comprometem-se a não utilizar seu nome ou qualquer outro dado que possa identifica-lo em qualquer fase da pesquisa. Não existem outros riscos relacionados à sua participação no projeto.

Benefício do tratamento

Não há benefícios diretos para você caso você complete os procedimentos desta pesquisa. Pacientes, estudantes e profissionais futuros poderão ter benefícios com o que for aprendido neste estudo.

Direitos do participante

Sua participação é voluntária e você pode retirar seu consentimento ou ainda descontinuar sua participação em qualquer momento, se o assim o preferir, sem penalização e/ou prejuízo de qualquer natureza. Não haverá nenhum custo a você proveniente deste estudo, assim como não haverá qualquer tipo de remuneração pela sua participação. Nós vamos ressarcir os gastos que você possa ter por participar dessa pesquisa tais como transporte e alimentação. Ao assinar este termo você não abre mão de nenhum direito legal.

Confidencialidade

A equipe do estudo terá acesso a seus dados, no entanto, seu anonimato é garantido e possíveis publicações cientificas, resultantes deste estudo, não o (a) identificarão, em nenhuma circunstância, como participante. Os dados obtidos serão tratados sob estritas condições de confidencialidade.

Os seus dados também poderão ser compartilhadas com os seguintes grupos / pessoas associadas a este estudo de pesquisa ou envolvidos na revisão de pesquisas: outros funcionários da equipe de pesquisa dos Pesquisador Responsável, equipe do Centro de Pesquisa Clínica, o Comitê de Ética em Pesquisa e o Departamento Jurídico; e também os representantes do governo ou agências federais, quando exigido por lei. Caso surjam novas informações que possam ser importantes à sua decição de continuar na pesquisa, você ou seu representante legal serão informados assim que os dados estejam disponíveis.
Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), cuja função é a de aprovar os estudos envolvendo seres humanos.

Para qualquer dúvida geral e/ou relacionada a direitos do participante, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa no telefone 11 2151 3729/ FAX 11 2151-0273/ e-mail: cep@einstein.br

Reclamações, elogios e sugestões deverão ser encaminhadas ao Sistema de Atendimento ao Cliente (SAC) por meio do telefone (11) 2151-0222 ou formulário identificado como "fale conosco" disponível na página da pesquisa clínica ou pessoalmente.

Número:_____ Iniciais: ___ ___ ___

Rubrica: 1) Participante_____ 2) Responsável pelo consentimento _____

Assinaturas de Consentimento

Fui informado de todos os detalhes relacionados ao estudo ao qual serei submetido. Receberei uma via assinada e datada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

_____

Nome Completo do participante da pesquisa

_____ Data:___/___/___

Assinatura do participante da pesquisa

_____

Nome completo e legível do pesquisador responsável

_____Data:___/___/___

Assinatura do pesquisador responsável